

CLIFFORD GOLDSTEIN



O ÚLTIMO
CONVITE

UMA MENSAGEM DE
ESPERANÇA

CLIFFORD GOLDSTEIN



O ÚLTIMO CONVITE

UMA MENSAGEM DE
ESPERANÇA

Tradução
Cecília Eller Nascimento

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP
2021

Título original em inglês:

THE FINAL HOPE

Copyright© da edição em inglês: Review and Herald, Hagerstown, EUA.

Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127, km 106

Caixa Postal 34, 18270-970, Tatuí, SP

Telefone: (15) 3205-8800 / WhatsApp: (15) 98100-5073

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

Ligação gratuita: 0800 9790606

Site: cpb.com.br

Coordenação Editorial: Diogo Cavalcanti

Editores: Glauber S. Araújo, Guilherme Silva e Diogo Cavalcanti

Revisão: Anne Lizie Hirle e Adriana Serato

Editor de Arte: Thiago Lobo

Projeto Gráfico: Alexandre Rocha e Eduardo Olszewski

Capa: Thiago Lobo

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

1ª edição

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goldstein, Clifford

O último convite : uma mensagem de esperança /

Clifford Goldstein ; tradução Cecília Eller

Nascimento. – 1. ed. – Tatuí, SP :

Casa Publicadora Brasileira, 2021.

Título original: The final hope

ISBN 978-65-89895-26-8

1. Adventistas do Sétimo Dia – Doutrinas
2. Apocalipse (Religião)
3. Cristianismo
4. Esperança
5. Profecias I. Título.

21-71715

CDD-228.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Apocalipse : Profecias : Interpretação : Bíblia
228.06

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB 8/7964

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da versão Nova Almeida Atualizada, salvo outra indicação.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Tipologia: Warnock Pro Regular, 10,3/13,5 – 19971/43494

Sumário

Introdução ♦ 6

1 Poderes e Autoridades ♦ 10

2 O Risco do Amor ♦ 14

3 As Mensagens ♦ 19

4 Anjos sem Asas ♦ 24

5 Desde Sempre ♦ 27

6 Um Chamado Para Todos ♦ 32

7 Esperança de Justiça ♦ 37

8 A Hora do Juízo ♦ 43

9 Palmas Para o Autor ♦ 50

10 À Sombra da Imagem ♦ 55

11 O Fim de Babel ♦ 60

12 O Último Convite ♦ 66

13 Mudanças Repentinhas ♦ 72

Conclusão ♦ 76

Introdução

Por anos a fio, Hollywood tem lançado um filme após o outro sobre o fim do mundo, ou, pelo menos, sobre o fim do mundo conforme muita gente costuma concebê-lo. *Armagedom* (1998), *Zumbilândia* (2009), *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015), *É o fim* (2013) e *Destruição final: O Último Refúgio* (2020), para citar apenas alguns, retratam um futuro bastante sombrio para todos nós. Repentinamente, com a covid-19 e suas variantes, o retrato criado pela ficção científica parece próximo demais da realidade, causando grande apreensão.

Mesmo se desconsiderarmos a ficção científica, a ciência apresenta um futuro que, em palavras amenas, é também bastante desanimador. Os cientistas afirmam que, mais cedo ou mais tarde, o Universo – não só a Terra, mas todo o cosmos – chegará ao fim! Como? Dependendo dos cálculos feitos pelos cientistas, alguns postulam que o Universo poderá se fragmentar (a Grande Ruptura). Outros, usando cálculos diferentes, predizem que poderá entrar em colapso (o Grande Colapso). Destes, o cenário mais popular é que ele poderá se congelar (o Grande Congelamento). Paul Davies escreveu: “O Universo, hoje incandescente com uma profusão de energia de fonte nuclear, acabará exaurindo esse valioso recurso. A era de luz findará para sempre.”¹ É mais ou menos assim: as estrelas seriam como grandes fogueiras que aquecem o Universo, mas elas estão gastando sua energia, e, como a energia não dura para sempre, um dia se apagariam, se ninguém as “recarregasse”.

Ruptura, colapso e congelamento – em longo prazo, as coisas não parecem muito esperançosas, não é mesmo?

Nova perspectiva

É interessante notar que a Bíblia também retrata o fim deste mundo, porém de forma bem diferente de Hollywood ou da ciência. Confira alguns textos bíblicos sobre a perspectiva do nosso mundo em longo prazo: “Pois eis que Eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas” (Isaías 65:17). “Nós, porém, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2 Pedro 3:13). “E vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva enfeitada para o seu noivo” (Apocalipse 21:1, 2). Ou este, um dos mais esperançosos: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (v. 4).

Nada parecido com o Grande Congelamento, nem com o Grande Colapso, certo? Tampouco com o futuro retratado em *Zumbilândia*.

Sim, a ciência e a revelação bíblica estão de acordo: nosso mundo não permanecerá nesta condição para sempre. Tudo vai mudar. Mas e quanto a nós e às pessoas que amamos? O fim do mundo será o fim definitivo de todos nós também? A Grande Ruptura ou o Grande Congelamento não oferecem qualquer esperança em longo prazo, não é verdade?

Como pode-se perceber, as previsões da ciência nada nos oferecem além da perspectiva de que nós e nossos amados desapareceremos no esquecimento eterno. A conclusão mais óbvia é que, em última instância, não valemos nada, nossa vida não tem significado algum e não temos relevância maior do que uma nuvem de poeira cósmica. “Devo lhes declarar mais uma vez a suprema inutilidade da cultura, da ciência, da arte, do bem, da verdade, da beleza, da justiça”, escreveu o espanhol Miguel de Unamuno, “se, afinal, em quatro dias ou em quatro milhões de séculos, não importa qual dos dois, não existir mais consciência humana para se apropriar desta civilização, desta ciência, desta arte, deste bem, desta verdade, beleza, justiça e de todo o resto?”²

Em contraste, a Bíblia traz a promessa de um futuro radicalmente diferente para o mundo e, o mais importante, para nós: um novo céu e uma nova terra. Contudo, essa promessa leva a uma pergunta lógica: O que acontecerá com o antigo céu e a antiga terra? O que acontecerá com eles

e conosco? A resposta é cheia de promessa e esperança. O antigo céu e a antiga terra serão renovados, transformados em um novo céu e uma nova terra, os quais serão habitados pelas pessoas por toda a eternidade, em uma existência sem maldade, sofrimento, doença e morte. Trata-se de um conceito difícil de ser imaginado.

No entanto, a Bíblia afirma que, antes de tudo isso acontecer, uma crise terrível sobrevirá ao mundo, uma crise que fará alguns desses filmes apocalípticos de Hollywood parecerem brincadeira de criança. O profeta Daniel, do Antigo Testamento, advertiu: “E haverá tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo” (Daniel 12:1).

Desde o surgimento da covid-19, alguém duvida de que o mundo inteiro pode, de uma hora para a outra, enfrentar uma crise? Quem não tem a sensação de que essa pandemia pode ser o princípio das dores, e algo pior pode estar à nossa espreita?

De acordo com as Escrituras, de fato haverá algo pior. Todavia, a boa notícia é que Deus “amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Esse mesmo Deus não nos deixou sem esperança, sem advertência, sem um meio de escape do desespero e da destruição que essas provas finais acarretarão sobre tantos.

Do início ao fim da Bíblia, os profetas, mesmo enfrentando tudo que este mundo decadente pode nos fazer sofrer, como doença, depressão, guerra, desastres naturais, encarceramento, exílio, tortura e morte, escreveram vez após outra sobre o amor e a bondade de Deus. Isaías, há 2.500 anos, declarou: “Embora os montes sejam sacudidos e as colinas sejam removidas, ainda assim a Minha fidelidade para com você não será abalada, nem será removida a Minha aliança de paz, diz o SENHOR, que tem compaixão de você” (Isaías 54:10, NVI). O salmista, há quase 3 mil anos, foi capaz de cantar: “Deem graças ao Deus dos Céus. O Seu amor dura para sempre!” (Salmo 136:26, NVI). O apóstolo Paulo, que suportou prisão, enfermidades físicas, pobreza, fome e frio, sofreu o ódio e a violência da multidão, pôde escrever com grande convicção que “Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Romanos 5:8).

Em outras palavras, embora algumas pessoas tentem usar o mal deste mundo como desculpa para negar a existência de Deus, ou pelo menos a

existência de um Deus de amor, os autores da Bíblia não o fizeram, nem poderiam fazê-lo, pois conheciam o Senhor e conheciam em primeira mão Seu amor. Uma manifestação desse amor ocorre quando Deus adverte Seu povo acerca do que está por vir, para que todos possam se preparar. Ele quer dar essa chance a você também.

Ele o fez. Essa advertência pode ser encontrada no Apocalipse, o último livro da Bíblia, no que é conhecido como a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14. Quem são esses anjos? Que mensagens são essas? Que advertências elas dão a um mundo em crise? E, o mais importante, que esperança elas nos oferecem para um futuro não tão distante?

Referências

¹ Paul Davies, *The Last Three Minutes* (Nova York: Basic Books, 1994), p. 49, 50.

² Miguel de Unamuno, *Tragic Sense of Life* (Nova York: Dover, 1954), p. 96.

1

Poderes e Autoridades

Quem nunca se deslumbrou, longe das luzes da cidade, ao olhar para as estrelas que queimam intensamente no céu em uma noite sem nuvens, especialmente por sua quantidade incalculável? Contudo, até mesmo na noite de céu mais limpo, quando conseguimos ver mais estrelas do que seríamos capazes de contar antes que o sol matinal as fizesse desaparecer, o que enxergamos em contraste com o que de fato existe no espaço? Bem menos do que uma gota d'água em um oceano.

Estima-se que pode haver até 2 trilhões de galáxias em toda a criação. *Trilhões!* E os números só aumentam. Cada galáxia conta com uma média de 100 bilhões de estrelas. Cem bilhões vezes 2 trilhões totalizam incontáveis estrelas! Ou seja, existem mais estrelas do que todos os grãos de areia das praias do mundo inteiro.

Nas últimas décadas, astrônomos têm descoberto o que chamam de “exoplanetas”. São planetas que orbitam suas estrelas, assim como os planetas do sistema solar o fazem em volta do Sol, nossa estrela. De acordo com a Nasa, já foram descobertos cerca de 4 mil exoplanetas.¹ Se o número de exoplanetas for próximo ao número de estrelas, ou mesmo de galáxias (isto é, se houver apenas um exoplaneta *por galáxia*), o Universo tem mais planetas do que somos capazes de imaginar.

O que isso significa? Que a probabilidade de estarmos sozinhos no Universo é muito pequena; podem existir outras formas de vida na inimaginável vastidão cósmica. Existe até mesmo uma organização, criada inicialmente pela Nasa, denominada Seti, Search for Extraterrestrial Intelligence [Busca por Inteligência Extraterrestre], dedicada à descoberta de vida em outras partes da criação, além da Terra.

A ironia é que, enquanto os dedicados trabalhadores da Seti fazem buscas pelo céu com seus equipamentos sofisticados, na esperança de receber um *tweet* cósmico ou qualquer outra forma de comunicação de alguma parte do Universo, a Bíblia, escrita há milhares de anos, não só fala sobre a existência de vida fora da Terra, como também nos dá alguns *insights* quanto ao caráter moral desses seres, ou pelo menos de parte deles. O texto sagrado nos revela aquilo que o bom senso também nos indica: não estamos sozinhos em todo este vasto Universo.

Relances do desconhecido

Confira a seguir algumas citações bíblicas sobre a vida existente em outras partes da criação:

“A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais” (Efésios 3:10, NVI). Poderes e autoridades... de onde? Das regiões celestiais, ou seja, de outras partes da criação, além da Terra. É ainda mais fascinante constatar que, de acordo com esse texto, esses poderes e essas autoridades são informados por Deus sobre o que acontece aqui na Terra com Sua igreja.

Outra passagem: “Pois a nossa luta não é contra pessoas, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Efésios 6:12). Uau! Esse é um vislumbre de que, até agora, a Seti não chegou nem perto de uma descoberta! O texto fala sobre “a nossa luta”. Contra quem? Contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais – contra elas mesmo! Os desdobramentos desse verso, assim como de outros, são estarrecedores. Não só existem outras formas de vida no Universo, como também algumas delas são más. E esse mal está trabalhando contra nós na Terra.

Mais um texto bíblico: “Pois Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele”

**Existem mais estrelas
do que grãos de
areia em todas as
praias do mundo.
Milhões ou bilhões
de exoplanetas.
Estariamos sozinhos
no Universo?**

(Colossenses 1:16, NVI). Aqui a Bíblia está falando sobre Jesus como o Criador de todas as coisas (cf. João 1:1-3), tanto na Terra quanto no Céu, “as visíveis e as invisíveis”.

Alguns trechos do livro de Apocalipse dão destaque ainda maior a essa ideia: “Então estourou a guerra no Céu. Miguel e os Seus anjos lutaram contra o dragão. Também o dragão e os seus anjos lutaram, mas não conseguiram sair vitoriosos e não havia mais lugar para eles no Céu. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos. [...] Por isso, alegrem-se, ó céus, e vocês que neles habitam. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vocês, cheio de fúria, sabendo que pouco tempo lhe resta” (Apocalipse 12:7-12).

O que a Bíblia está dizendo? Em primeiro lugar, não estamos sozinhos no cosmos. Existem outras formas inteligentes de vida. Mais uma vez, levando em conta o tamanho do Universo e todas as estrelas que ele contém, isso não deveria nos surpreender. Seria espantoso se não houvesse outras formas de vida. Em segundo lugar, algumas dessas formas de vida são hostis, são más e trouxeram o mal para a Terra. Se “estourou a guerra no Céu” e alguns combatentes estão aqui, deveria nos surpreender haver tanto conflito aqui na Terra também? O que esses versos e outros semelhantes revelam é o que tem sido chamado de conflito cósmico – um confronto entre o bem e o mal que, embora tenha começado em outra parte da criação, tem se desenrolado aqui na Terra.

Muitas pessoas, religiosas ou não, mesmo sem conhecer os detalhes ou as origens, conseguem identificar e sentir o confronto entre o bem e o mal em nosso mundo.

O poeta T. S. Eliot escreveu:

O mundo dá voltas e reviravoltas,
Mas uma coisa nunca muda.
Em todos os meus anos, isso nunca mudou,
Por mais que você disfarce, de fato nunca muda:
A luta perpétua entre o Bem e o Mal.²

Até mesmo um ateu linha dura como o alemão Friedrich Nietzsche escreveu: “Vamos concluir. Os dois valores contrapostos, ‘bom e ruim,’

‘bom e mau’, travaram na terra uma luta terrível, milenar; e embora o segundo valor há muito predomine, ainda agora não faltam lugares em que a luta não foi decidida.”³

O teólogo Michael Brown, ao falar sobre a luta entre o bem e o mal, a chamou de “conflito cósmico”.⁴ Se Deus sabe de tudo, é cheio de amor e poder, por que então existe tanto mal no mundo? Conforme veremos, as três mensagens angélicas são fundamentais para responder a essa pergunta.

Referências

¹ “How Many Exoplanets Are There?”, disponível em <https://exoplanets.nasa.gov/faq/6/how-many-exoplanets-are-there/>, acesso em 3 de maio de 2021.

² T. S. Eliot, *The Rock* (Nova York: Harcourt, Brace and Company, 1934), p. 9.

³ Frederick Nietzsche, *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 2009), p. 16.

⁴ Michael Brown, *Job: The Faith to Challenge God* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2019), p. 30.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite1>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

2

O Risco do Amor

A maioria das pessoas ama cachorros, a menos que tenha passado por alguma experiência negativa com um. Afinal, eles são amigáveis, afetuosos, fiéis, leais e amorosos. Aliás, alguns cachorros, chamados de cães de serviço, são usados para ajudar pessoas com problemas emocionais, tamanho seu efeito calmante e consolador. Quem não gosta de fazer carinho em seu pelo macio?

É claro que os cachorros também dão trabalho! Eles podem morder, sujar tapetes, ficar doentes, estragar móveis, soltar pelos, tudo isso além das despesas para mantê-los alimentados e saudáveis. Quase todos os donos de cães, até os mais apaixonados, pensaram em algum momento: “Vale a pena todo esse trabalho?”

No entanto, suponhamos que você pudesse ter um cão que nunca suje os tapetes da casa, jamais adoeça e não seja preciso gastar um centavo para mantê-lo saudável. Quem não aproveitaria a oportunidade de ter um cachorro assim? Na verdade, você pode! Que tal um cão robô, por exemplo? De acordo com uma fabricante japonesa, seu cão eletrônico “é um verdadeiro companheiro com emoções e instintos reais. Com a amorosa atenção de seu dono, ele se tornará um amigo mais maduro e divertido com o tempo”.

O cão “tem emoções e instintos verdadeiros programados no cérebro”, alegam seus desenvolvedores. “Ele age para satisfazer os desejos criados por seus instintos. Quando satisfeito, seu nível de alegria aumenta. Quando não, ele fica triste ou bravo. Como qualquer ser vivo, ele aprende a conseguir o que quer. Às vezes, mexe as pernas vigorosamente ou dá sinais de raiva quando não recebe o tipo de atenção que solicitou.

A maneira como o dono reage às expressões emocionais desse cão eletrônico influencia muito a personalidade e o crescimento dele. Embora seja de plástico e carregado por uma bateria, ele tem um sistema nervoso de circuitos integrados que fazem dele um companheiro totalmente consciente, sensível, amoroso e comunicativo.”¹

Emoções? Instintos? Desejos? Robôs não têm mais emoções, instintos e desejos do que a pia da sua cozinha! Afirmar que o cão robótico é “um companheiro totalmente consciente, sensível, amoroso e comunicativo” equivale a atribuir traços de vida inteligente a um monte de plástico e metal. Mal conseguimos entender como tecidos vivos e células cerebrais são capazes de abrigar (criar, manter, resgatar) emoções e desejos, e devemos agora acreditar que alguém conseguiu fabricar um cão eletrônico que manifesta amor, alegria e felicidade? Apenas se certifique de carregar a bateria, então amor, alegria e afeto fluirão pelos circuitos, chips de silicone e plástico como fótons de uma fonte de luz. A ideia é completamente ridícula. Achar que o balançar computadorizado de rabo do robô seja uma expressão de felicidade seria o mesmo que atribuir moralidade aos códigos de um *recurso* que bloqueia o acesso de seus filhos a certos sites.

Se a ideia de um cão eletrônico que demonstra “afeto” e “amor” o incomoda, e se não quer que um robô substituía seu pet de carne e osso, então você entende a essência do conflito cósmico. Em vez de criar seres (quer no Céu, como os anjos, quer na Terra, como os seres humanos) que funcionam como robôs, Deus os criou com a capacidade de amar. Em lugar de robôs, fez-nos seres morais com a habilidade de amar tanto a Ele como os outros. Essa capacidade inclui a liberdade inerente ao tipo de amor que somente um ser livre é capaz de oferecer. Amor forçado não é amor. Uma vez que Deus queria seres capazes de amar, precisava criá-los livres. Livres de verdade.

O amor requer liberdade, e isso significa a possibilidade de escolher o caminho errado.

Quando tudo começou

A liberdade verdadeira acarreta riscos. Por exemplo, a Bíblia conta sobre o abuso da liberdade por parte de um anjo chamado Lúcifer. Diz: “Você era

um querubim da guarda, que foi ungido. Eu o estabeleci. Você permanecia no monte santo de Deus e andava no meio das pedras brilhantes. Você era perfeito nos seus caminhos, desde o dia em que foi criado até que se achou iniquidade em você” (Ezequiel 28:14, 15).

Lúcifer era um ser celestial, um anjo criado por Deus. E como Deus o criou? “Você era perfeito nos seus caminhos, desde o dia em que foi criado.” *Perfeito?* Porém, o que aconteceu com esse ser perfeito? “Até que se achou iniquidade em você.” Iniquidade encontrada em um ser criado “perfeito” por Deus? Como isso pôde acontecer? Porque essa perfeição incluía liberdade – liberdade moral –, a qual Lúcifer violou.

O mesmo princípio se aplica aqui. Gênesis 1 e 2 revelam Deus criando vida na Terra, o que incluiu Adão e Eva, ambos criados à imagem de Deus. “Assim Deus criou o ser humano à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gênesis 1:27). Quando a criação foi concluída, o próprio Deus a considerou muito boa (v. 31).

Assim, temos seres perfeitos criados por um Deus perfeito em uma Terra perfeita. Contudo, o que aconteceu? Gênesis 3 revela que, pelo engano da “serpente” (v. 1-6), esses seres perfeitos caíram em pecado. Pecado é mais do que um erro, um ato; é um estado de distanciamento de Deus. Como isso pôde acontecer? Aconteceu porque sua perfeição incluía a capacidade de amar. Como vimos, o amor requer liberdade, e isso significa a possibilidade de escolher o caminho errado.

Com isso em mente, leia o seguinte texto bíblico: “Então estourou a guerra no Céu. Miguel e os Seus anjos lutaram contra o dragão. Também o dragão e os seus anjos lutaram, mas não conseguiram sair vitoriosos e não havia mais lugar para eles no Céu. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos” (Apocalipse 12:7-9).

Mal, rebelião, guerra – tudo isso começou no Céu, no Céu perfeito de Deus, com a queda de Lúcifer. Em seguida, Lúcifer, agora chamado de Diabo e Satanás, veio à Terra para trazer sua rebelião, sob o disfarce da antiga serpente (cf. Gênesis 3:1-6). Em suma, embora o conflito cósmico tenha começado em outra parte do Universo, ele se transferiu para a Terra.

No entanto, Deus não poderia ter impedido tudo isso de acontecer desde o princípio? Ele poderia ter criado seres humanos sem a capacidade de amar. Poderia ter feito uma raça de robôs que, em tudo o que fizessem,

não iriam nem poderiam amar. Mas Deus quis um relacionamento fundamentado no amor e, caso tivesse nos robotizado, isso não seria possível. Não poderíamos amá-Lo, da mesma forma que uma geladeira é incapaz de retribuir amor ao seu dono.

Quem sabe Ele pudesse ter eliminado Lúcifer no instante em que este começou sua rebelião. Mas essa opção também não funcionaria. Suponhamos que você seja um líder amável e cuidadoso para com seu grupo. Então, por algum motivo totalmente injusto, uma pessoa comesse uma rebelião, acusando-o de ser maldoso, egoísta, arbitrário e ditatorial. Como reação, mesmo antes de um julgamento, antes de permitir que apresentem o caso em sua presença e diante dos outros, você enfileira os rebeldes e os fuzila. Desta forma, você terá acabado com a rebelião. Mas e as acusações feitas contra você? Seus atos terão provado exatamente as queixas feitas contra sua pessoa. Você de fato seria maldoso, egoísta, arbitrário e ditatorial. Se você fosse um líder maldoso que governasse pelo medo e por ameaças, simplesmente assustaria as pessoas e as levaria a obedecer por medo.

No entanto, as Escrituras ensinam que o Senhor é um Deus de amor. Ele age pelo amor, não pelo medo. “E nós conhecemos o amor e cremos neste amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1 João 4:16). Quando perguntaram a Jesus qual o mandamento mais importante, Ele respondeu: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com toda a sua força” (Marcos 12:30). Deus pode nos ordenar a amá-Lo. Só não pode nos forçar. Para amá-Lo, precisamos ser livres.

Portanto, como um Deus de amor poderia resolver o grande conflito sem violar o princípio do amor? Imagine um líder acusado por rebeldes de ser maldoso, egoísta, arbitrário e ditatorial. Suponha que esse líder, ainda na posição de liderança, descesse ao nível de seu povo, vivesse em meio a seus súditos, sofresse em meio a eles e até sacrificasse a própria vida por eles, mostrando que as acusações que lhe foram lançadas eram o oposto de quem ele realmente era. Aliás, e se aqueles que fizeram as acusações contra ele fossem os mesmos que o mataram, provando que, na verdade, eles é que eram culpados daquilo que acusavam seu líder?

Embora seja apenas uma analogia, de maneira bastante geral, isso foi o que aconteceu com Jesus de Nazaré, o Cristo, na cruz. Ali, o Deus

encarnado respondeu às acusações de Satanás. Cristo assumiu a humanidade, e, por meio dessa humanidade, revelou aos anjos e ao mundo quem Deus realmente é. Conquanto o conflito cósmico ainda esteja em andamento, a ruína de Satanás é certa. “Por isso, alegrem-se, ó Céus, e vocês que neles habitam. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vocês, cheio de fúria, sabendo que pouco tempo lhe resta” (Apocalipse 12:12).

A revelação do caráter de Deus, o caráter abnegado e de renúncia que Deus demonstrou na cruz, é a base das três mensagens angélicas – mensagens de esperança, promessa e vida eterna, anunciadas a um mundo que anda rumo à dissolução. A promessa é feita para cada um de nós. Podemos então escolher tomar posse daquilo que tão graciosamente nos foi oferecido em Jesus.

Referência

¹ Robotbooks.com, “Sony AIBO Robot Dog”, disponível em <http://www.robotbooks.com/sony_aibo.htm>, acesso em 5 de maio de 2021.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite2>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

3

As Mensagens

Falamos até aqui sobre três mensagens para o mundo. Quais são elas? Vamos ao texto:

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que habitam na Terra, e a cada nação, tribo, língua e povo, dizendo com voz forte: “Temam a Deus e deem glória a Ele, pois é chegada a hora em que Ele vai julgar. E adorem Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas.” Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: “Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez com que todas as nações bebessem o vinho do furor da sua prostituição.” Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo com voz forte: “Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na testa ou na mão, também esse beberá do vinho do furor de Deus, preparado, sem mistura, no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre. E os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do nome da besta não têm descanso algum, nem de dia nem de noite. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:6-12).

As mensagens foram escritas no livro do Apocalipse, o último da Bíblia, o que faz sentido, uma vez que o livro diz respeito aos acontecimentos

dos últimos dias. O termo teológico é “escatologia”, o estudo dos eventos finais. Assim como Gênesis (o primeiro livro da Bíblia) abordou a criação do mundo e os primeiros acontecimentos, o Apocalipse trata dos últimos eventos da Terra, que levarão ao fim deste mundo e à criação de um “novo céu e nova terra” (Apocalipse 21:1).

Apocalipse significa “revelação”, termo que aparece logo na primeira frase do livro: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (Apocalipse 1:1). Em grego, “revelação” é *apokalypsis* e significa “descobrir” ou “revelar”. É a “revelação de Jesus Cristo”. Isto é, o livro é de Jesus e nos ensina sobre Ele, acerca de quem Ele é: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Apocalipse 1:8, ARC), o Deus eterno. Retrata o “Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo” (Apocalipse 13:8, NVI), o Salvador crucificado, Aquele que morreu na cruz, foi ferido pelos pecados do mundo.

Para compreendermos o livro do Apocalipse, especialmente as três mensagens angélicas, precisamos entender que esse livro, assim como muitos outros do Novo Testamento, faz constantes alusões a palavras, ideias e personagens do Antigo Testamento. Na verdade, mais da metade de todos os versos encontrados no livro do Apocalipse tem alguma relação com o Antigo Testamento. Muitas das suas palavras e expressões, como “Babilônia”, “besta”, “mandamentos de Deus”, “vinho do furor” e “para todo o sempre”, só podem ser apropriadamente entendidas dentro do contexto em que foram usadas no Antigo Testamento. Assim, o Antigo Testamento é a chave para desvendar verdades importantes registradas no último livro da Bíblia, com sua mensagem para aqueles que vivem nestes dias difíceis da história da Terra.

Perseguição milenar

O Apocalipse foi escrito quando João estava exilado na ilha de Patmos, localizada na costa da atual Turquia. Ele abrange toda a história cristã. Os 22 capítulos tratam de fatos ocorridos desde os tempos de Jesus até o fim do nosso mundo e a criação do novo. As três mensagens angélicas aparecem no capítulo 14. A fim de entender melhor as mensagens, é preciso compreender um pouco o contexto no qual elas aparecem. Um rápido resumo dos dois capítulos anteriores, o 12 e o 13, nos ajudará a assimilar esse quadro.

Vimos que Apocalipse 12 retrata a guerra no Céu (v. 7) e a expulsão de Satanás e seus anjos, lançados para a Terra. Em outras palavras, o cenário do conflito cósmico é central a tudo e aparece em todo o capítulo. Conforme vimos, o conflito começou no Céu. Em seguida, desceu à Terra. Então o dragão (Satanás) tentaria devorar o Filho (Jesus) “quando nascesse” (v. 4). Isso aconteceu na ocasião em que Satanás, usando o rei Herodes, tentou matar o bebê Jesus, porém José e Maria fugiram para o Egito (Mateus 2:13).

No entanto, assim como Satanás e seus anjos falharam em sua guerra no Céu, e afinal foram expulsos, também falharam na tentativa de destruir o bebê Jesus. Tempos depois, Cristo, aqui na Terra, derrotou Satanás na cruz. “Despojando os principais e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando sobre eles na cruz” (Colossenses 2:15). Além disso, Jesus ressuscitou dentre os mortos, a fim de que,

“por Sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hebreus 2:14). Apocalipse 12 retrata a vitória definitiva de Cristo!

Derrotado no Céu e na cruz, Satanás ainda não desistiu de atacar o povo de Deus. No decorrer de toda a Bíblia, a igreja de Deus é simbolizada por uma mulher, apresentada como uma noiva pura (2 Coríntios 11:2; Jeremias 2:2). Após a cruz, Satanás é retratado em Apocalipse 12 perseguindo a igreja de Deus, simbolizada pela mulher: “Quando o dragão viu que tinha sido atirado para a Terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho homem. Mas foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto onde seria sustentada durante um tempo, tempos e meio tempo, fora do alcance da serpente” (Apocalipse 12:13, 14).

Mais uma vez, estamos diante de um simbolismo, do tipo encontrado por todo o Apocalipse. Satanás tenta destruir a mulher, a igreja de Deus, mas falha. Por exemplo, a fuga da mulher para o “deserto” alude ao antigo Israel, que viveu no deserto e foi protegido por Deus dos inimigos e da destruição (cf. Salmo 78:52).

Historicamente, depois que Jesus ascendeu ao Céu, a igreja cristã enfrentou perseguição por parte de Roma. Quem nunca ouviu as histórias de

A história revela que, mesmo depois de o Império Romano se “cristianizar”, a perseguição continuou.

cristãos que eram jogados como comida aos leões ou eram queimados como tochas vivas no Coliseu romano? Um historiador do 1º século descreveu a perseguição dos cristãos em Roma: “Cobertos por peles de animais, foram arrasados por cães e pereceram, ou pregados a cruces, ou entregues às chamas e queimados, para servir de iluminação noturna após o sol se pôr.”¹

Infelizmente, a história revela que, mesmo depois de o Império Romano se “cristianizar”, a perseguição continuou. Roma insistiu em perseguir aqueles que não seguiam suas regras e tradições. Isso continuou em variados graus ao longo de mais de mil anos, tornando-se particularmente atroz durante o período da Reforma. Só terminou quando forças não religiosas começaram a dominar a Europa, culminando na prisão do papa, em 1798, pelo general francês Berthier. Apocalipse 12, usando símbolos amplos, retratou essa história – essa tentativa de Satanás de destruir a igreja de Deus.

Hoje estamos na página seguinte do grande conflito: “O dragão ficou irado com a mulher e foi travar guerra com o restante da descendência dela, ou seja, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apocalipse 12:17). Ou seja, mesmo após os séculos de perseguição, Deus continua tendo um povo fiel, que é alvo da ira de Satanás. Esse povo é retratado como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”.

O futuro

Apocalipse 13 dá continuidade ao tema do conflito cósmico. Mesmo sem entender o significado preciso dos símbolos, é possível ver o dragão (Apocalipse 13:2, 4, 11), Satanás, tentando causar destruição na Terra. Os primeiros versos, usando imagens extraídas de Daniel 7, contam a história da perseguição da igreja durante a Idade Média. Mesmo derrotado e destinado à destruição, o inimigo faz suas últimas investidas contra o povo de Deus.

Assim como a igreja apostólica ao longo dos séculos foi perseguida, Apocalipse 13 fala sobre outra perseguição, uma perseguição futura em escala mundial. Se a pandemia da covid-19 nos ensinou algo, foi quão depressa o mundo inteiro pode desabar – como o mundo pode, de repente, da forma mais dramática e inesperada, mudar. E essa mudança não foi necessariamente para melhor. Apocalipse 13 retrata de forma ampla o que virá – a aclamação de um poder global, seguida de uma perseguição mundial: “E ela [a besta] será adorada por todos os que habitam sobre a terra [...].

A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz com que lhes seja dada certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome” (Apocalipse 13:8, 16, 17).

De acordo com o que apresentamos, essa perseguição será mundial. Isso faz sentido, uma vez que, conforme vimos em Apocalipse 12, quando Satanás foi lançado à Terra, suas tentativas de engano foram universais, pois ele é “o sedutor de *todo o mundo*” (v. 9, itálico acrescentado). Diante do que vimos na pandemia, como o mundo mudou rapidamente, não há como negar que as coisas retratadas aqui não possam acontecer.

Um tema central aparece em Apocalipse 13: *adoração*. Por cinco vezes (Apocalipse 13:4 [duas vezes], 8, 12, 15), a adoração é apresentada como um fator importante por trás do tumulto e do conflito retratados nos últimos dias. De acordo com esses versos, Satanás, o dragão, tentará forçar o mundo a prestar determinado tipo de adoração, pois desde o início da rebelião tem procurado usurpar a autoridade e o lugar do próprio Deus. “Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Isaías 14:13, 14). O tema da adoração e de quem as pessoas adoram assume relevância crucial na compreensão das três mensagens angélicas.

Em contraste com Deus, que aceita adoração e obediência somente pelo amor e pela liberdade, as forças do mal recorrem à violência e à pressão econômica para forçar à adoração. O texto diz que eles farão morrer todos os que não adorarem a imagem da besta (Apocalipse 13:15) e que ninguém poderá “comprar ou vender” (v. 17), a menos que se sujeite.

No entanto, a grande notícia que obtemos das três mensagens angélicas é que elas revelam onde está nossa esperança, e isso nos conforta.

Referência

¹ Livius.org, “Tacitus on the Christians”, disponível em <<https://www.livius.org/sources/content/tacitus/tacitus-on-the-christians/>>, acesso em 5 de maio de 2021.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite3>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

4

Anjos sem Asas

A vida é comunicação. As células se intercomunicam por sinais químicos e elétricos. As plantas se “falam” por meio de substâncias químicas que exalam no ar. Os animais, com seus sons, posturas e movimentos, também se comunicam entre si. Nós, seres humanos, precisamos falar, ouvir e conversar. Na era dos *smartphones*, talvez mais do que nunca, nosso cotidiano depende da comunicação. Vivemos na época conhecida como a “era da informação”. Porém, que utilidade a informação proporciona se não for comunicada? E o que dizer sobre a tarefa de encontrar a informação certa em meio a tantas mentiras e *fake news*?

Diante de toda essa falta de informação, o livro de Apocalipse nos informa desde o início: “Bem-aventurado aquele que lê, e bem-aventurados aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Apocalipse 1:3). Deus Se comunica conosco por intermédio de Sua Palavra. Somos abençoados não só ao ler e ouvir Sua Palavra, mas também ao guardar “as coisas nela escritas”. E, dentre as “coisas” escritas, estão as três mensagens angélicas, que não só nos advertem quanto aos problemas que virão, como também nos mostram a única esperança a que podemos nos apegar. Comparando com o que está disponível em algumas redes e serviços de *streaming*, estas são mensagens que realmente necessitamos ouvir!

A primeira delas começa com as seguintes palavras: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu” (Apocalipse 14:6). Quem é esse anjo? Tanto em hebraico quanto em grego, a palavra “anjo” significa “mensageiro”. Embora os anjos sejam seres sobrenaturais de outras partes do cosmos e venham com frequência trazer mensagens e informações para as transmitir ao

povo de Deus (cf. Daniel 9:20-23; Lucas 1:11-38), a Bíblia também aplica esse termo a mensageiros humanos.

É possível que o caso mais óbvio seja o de João Batista. Em Mateus 11:9 e 10, o próprio Jesus, após fazer uma rápida descrição de João e chamá-lo não somente de profeta, mas de “muito mais do que um profeta”, citou o Antigo Testamento (Malaquias 3:1), dizendo: “Eis que Eu envio o Meu mensageiro, que preparará o caminho diante de Mim.”

Jesus aplica esse texto a João, embora a palavra hebraica para “mensageiro” aqui seja a mesma usada em todo o Antigo Testamento para “anjo”, quando fazendo referência a esses seres sobrenaturais que, na maioria de suas aparições, trazem mensagens do Céu para a Terra. Em outras palavras, tanto seres humanos como anjos são mensageiros de Deus.

No caso do primeiro anjo, dada a natureza simbólica do livro do Apocalipse e o contexto que se segue, de pregação ao mundo, o “anjo” é uma referência clara a mensageiros humanos, mas que possuem uma mensagem do Céu. Ao longo de toda a Bíblia, podemos ver Deus usando pessoas para testemunhar ao mundo a Seu respeito. Na grande comissão, Jesus disse: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos” (Mateus 28:19, 20). Ele direcionou essas palavras não a anjos, mas a Seus discípulos, Seus seguidores. São seres humanos que têm anunciado as boas notícias da salvação. Da mesma forma, são pessoas que vão anunciar as três mensagens angélicas, as quais consistem em uma espécie de grande comissão contextualizada para os últimos dias.

Além disso, o texto diz que João viu “*outro* anjo”, subentendendo que vieram anjos anteriores. O livro de Apocalipse abrange a história da igreja desde a primeira vinda de Jesus até a segunda. Ao longo desse tempo, por mais que muitos mensageiros angélicos tenham feito aparições na história cristã (cf. Atos 12:7), a disseminação do evangelho ao redor do mundo tem se realizado quase que exclusivamente por agentes e mensageiros humanos.

A palavra
“anjo” significa
“mensageiro”.

O que, então, esses anjos, mensageiros humanos com uma mensagem do Céu, têm a dizer que é tão importante e que pode nos dar esperança apesar de vivermos neste mundo cada vez mais catastrófico?

Boas notícias

“Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que habitam na terra, e a cada nação, tribo, língua e povo” (Apocalipse 14:6). Sabemos que evangelho é boa notícia. Mas o que especificamente a Bíblia quer dizer com esse termo? Um grande exemplo pode ser encontrado em Mateus 11:5. João Batista, o profeta que ajudou a anunciar a vinda de Jesus, havia sido encarcerado e, ao que tudo indicava, não sairia de lá vivo (cf. Mateus 14:10). Desanimado no cárcere, começou a se questionar sobre Jesus, a ter dúvidas a Seu respeito. Quando perguntou ao Mestre se Ele realmente era “aquele que estava para vir” (Mateus 11:3), isto é, o Messias, Cristo deu a seguinte resposta: “Voltem e anunciem a João o que estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (v. 4, 5).

Jesus destaca que “o evangelho” estava sendo pregado aos pobres. A Bíblia na Nova Versão Internacional diz: “As boas-novas são pregadas aos pobres.” A notícia boa e cheia de esperança é sobre Jesus Cristo e Sua vinda à Terra.

O evangelho é a boa notícia do que Jesus Cristo fez por todas as pessoas do mundo. Mas, o que Ele fez? Se houve um tempo em que todos necessitam de uma boa notícia, esse tempo é agora, não é verdade? Então qual é a boa notícia do evangelho, o “evangelho eterno” da primeira mensagem angélica?



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite4>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

5

Desde Sempre

A mensagem do primeiro anjo começa com a boa notícia eterna, ou “evangelho eterno”. Por mais frequentemente que a palavra “evangelho” apareça na Bíblia, essa é a única vez em que ela é acompanhada pelo adjetivo “eterno”, termo que João usa em outros lugares junto à palavra “vida”, isto é, em referência à “vida eterna” que podemos ter em Jesus. Por exemplo: “Em verdade, em verdade lhes digo: quem crê em Mim tem a vida eterna” (João 6:47).

O evangelho é eterno porque foi formulado por Deus na eternidade e permaneceu oculto até se manifestar em Jesus. Aliás, o evangelho, a esperança de vida, foi elaborado mesmo antes do início do mundo. Leia estas palavras de Paulo: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu, Nele, para sermos santos e irrepreensíveis diante Dele” (Efésios 1:3, 4).

Fomos escolhidos Nele antes da fundação do mundo! Antes mesmo de existirmos, o plano de Deus era que todos nós tivéssemos salvação Nele. Isso não é predestinação, a ideia de que Deus escolhe alguns para a salvação e outros para a perdição. Não, todos foram predestinados para a salvação, cabendo-nos escolher se desejamos isso ou não. O plano de Deus, antes mesmo que o mundo existisse, foi que todos tivessem vida eterna em Seu Filho.

“Vemos, porém, Aquele que, por um pouco, foi feito menor do que os anjos, Jesus, que, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos” (Hebreus 2:9). Por que morrer por “todos” se não estivesse planejado que

O plano da salvação foi elaborado antes que precisássemos dele, a fim de que já existisse quando fosse necessário. Era a garantia de nossa alma.

todo ser humano se salvasse, mesmo que, no fim, nem todos de fato sejam salvos?

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu próprio caminho, mas o SENHOR fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós” (Isaías 53:6). Por que receber iniquidade “de todos nós” se a intenção não fosse perdoar “todos nós”? O fato de nem todos se valerem desse oferecimento não o limita, assim como a existência de pessoas morrendo de fome em meio a um rico mercado não é indício de que não haja comida suficiente.

Tudo remonta à ideia, conforme salientado antes, de que fomos originalmente criados para a vida eterna. Desde o início, deveríamos viver para sempre. Contudo, mesmo antes de criar este mundo, Deus sabia o que aconteceria. Ele sabia que a humanidade cairia. Assim, Ele elaborou o plano capaz de levar a salvação a todos, a cada um de nós. Esse é o evangelho *eterno*.

“Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade. Escrevo na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos” (Tito 1:1, 2). Antes da fundação do mundo é uma coisa. Paulo, porém, identifica a questão em um tempo ainda mais remoto: recebemos a promessa de vida eterna antes dos tempos eternos. *Antes dos tempos?* É interessante notar que, à luz da ciência moderna, há bilhões de anos a matéria, a energia, o espaço e o tempo passaram a existir instantaneamente. O tempo em si teve um princípio, uma vez que não existia antes. De acordo com Paulo, foi nesse momento – antes do princípio, antes do tempo em si – que Deus nos prometeu a esperança de vida eterna. Quando exatamente isso aconteceu, quem pode saber? No entanto, podemos ter a certeza de que foi muito tempo atrás. Isso é o que significa evangelho *eterno*.

“Sabendo que não foi mediante coisas perecíveis, como prata ou ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil que seus pais lhes legaram, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito

e sem mácula. Ele foi conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado nestes últimos tempos, em favor de vocês” (1 Pedro 1:18-20).

Antes da fundação do mundo, a promessa da salvação foi dada porque o plano da salvação já existia também. Antes mesmo do tempo em si, a Divindade havia planejado que Jesus, o Filho de Deus, derramaria Seu sangue pela humanidade. É por isso que Ele é chamado de “Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo” (Apocalipse 13:8, NVI). O plano da salvação foi elaborado antes que precisássemos dele, a fim de que existisse quando fosse necessário. Era a garantia de nossa alma.

Esse é o mesmo evangelho, o mesmo plano da salvação, desde antes do início dos tempos até o evangelho ser proclamado na primeira mensagem angélica. Há somente um evangelho. Ele foi formulado pela primeira vez na eternidade passada e perdurará ao longo da eternidade futura. O próprio Paulo afirmou, até mesmo advertiu: “Mas, ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que pregamos a vocês, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém anuncia a vocês um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!” (Gálatas 1:8, 9, NVI).

Esse evangelho foi proclamado para Adão e Eva no Éden (Gênesis 3:15), após pecarem e introduzirem o pecado e a morte em nosso mundo. Esse mesmo evangelho foi pregado para Abraão: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria os gentios pela fé, preanunciou o evangelho a Abraão, dizendo: ‘Em você serão abençoados todos os povos’” (Gálatas 3:8; conferir Gênesis 22:18). Foi o mesmo evangelho pregado ao antigo Israel em meio a suas peregrinações pelo deserto (Hebreus 4:2). Esse mesmo evangelho, essa mesma mensagem, foi o que o Céu pregou aos pastores nas campinas próximas a Belém por ocasião do nascimento de Jesus: “Estou aqui para lhes trazer boa-nova de grande alegria, que será para todo o povo: é que hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lucas 2:10, 11). Foi o mesmo evangelho que Jesus pregou: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependam-se e creiam no evangelho” (Marcos 1:15). Foi o mesmo evangelho que salvou o ladrão na cruz, a quem Jesus prometeu vida eterna (Lucas 23:43). Também foi o mesmo evangelho que Jesus instruiu os discípulos a pregarem até o fim: “E será pregado este evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mateus 24:14). Esse é o mesmo evangelho, o “evangelho eterno”, que o primeiro anjo proclama ao mundo.

A mensagem eterna ali contida é que a salvação, a vida eterna que deveríamos ter desde o princípio, só é encontrada pela fé em Jesus. Somente quando tomamos posse, pela fé, da justiça perfeita de Jesus, dependendo completamente dos Seus méritos, não de nós mesmos, nem das nossas boas obras, podemos readquirir a vida eterna à qual já deveríamos ter acesso desde o início.

“Portanto, não se envergonhe do testemunho de nosso Senhor, nem do seu prisioneiro, que sou eu. Pelo contrário, participe comigo dos sofrimentos a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação, não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Timóteo 1:8, 9).

Se há um texto que comprove a salvação pela graça, não por obras, deve ser esse! Se fomos chamados para a salvação antes que o mundo existisse, antes mesmo do início do tempo, então a salvação não pode se basear em nossas obras, porque fomos chamados em Cristo antes que existíssemos e pudéssemos realizar qualquer obra! Receber a promessa de algo antes de existir, antes da possibilidade de fazer qualquer coisa para merecer, se isso não for graça, o que é então?

Além disso, conforme vimos, Jesus, Aquele que criou todas as coisas (João 1:1-3), “Se encolheu” para Se tornar um bebê humano, o qual cresceu até a idade adulta, viveu uma vida sem pecado e então ofereceu essa vida em sacrifício por nós. *O próprio Deus morreu por nós?* Isso não seria suficiente para nos salvar? Precisariamos, por acaso, das nossas obras também?

Uma escritora cristã expressou essa realidade da seguinte maneira: “Se juntássemos tudo que é bom e santo, nobre e belo no ser humano, e apresentássemos o resultado aos anjos de Deus, como se desempenhasse uma parte na salvação da alma humana ou na obtenção de mérito, a proposta seria rejeitada como traição. Encontrando-se na presença de seu Criador e contemplando a glória insuperável que envolve Sua Pessoa, eles consideram o Cordeiro de Deus dado desde a fundação do mundo a uma vida de humilhação, a ser rejeitado por homens pecaminosos e a ser desprezado e crucificado. Quem pode avaliar a imensidão desse sacrifício!”¹

Esse “evangelho eterno” é o fundamento das três mensagens angélicas, pois, sem ele, sem a promessa de vida eterna, o grande centro do

evangelho, o que mais importaria? Sem ele, seríamos como o pó que é levado pelo vento, ou como cinzas esquecidas pelo tempo. Sem dúvida, depois de tudo que vivenciamos – depois de todas as provas, dificuldades e aflições que enfrentamos apenas para permanecer vivos, terminar assim não parece valer a pena. Quase não faz sentido.

Não faz sentido porque jamais deveria ser assim. O pecado desencaminhou tudo. O evangelho eterno é a solução de Deus para restaurar à normalidade, sanidade e vida um mundo imerso em anormalidade, insanidade e morte.

Referência

¹ Ellen G. White, *Fé e Obras* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), p. 24.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link:
<http://adv.st/convite5>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora:
<http://adv.st/queroconversar>

6

Um Chamado Para Todos

“**V**i outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que habitam na terra, e a cada nação, tribo, língua e povo, dizendo com voz forte: “Temam a Deus e deem glória a Ele, pois é chegada a hora em que Ele vai julgar. E adorem Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:6, 7).

Observe a dinâmica do céu para a terra aqui: a mensagem do primeiro anjo, embora fisicamente anunciada por seres humanos, provém do céu. Tem origem divina, não humana. É verdade revelada, verdade que nos é dita, divulgada e dada por Deus, por intermédio de Seus mensageiros humanos. Esses mensageiros, como Moisés, Isaías, Jeremias, Mateus, João, Paulo e Pedro, têm livros na Bíblia ou não, como o profeta Natã (2 Samuel 7:1, 2) ou João Batista, acerca de quem Jesus disse: “Entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João” (Lucas 7:28). De todo modo, estavam falando em nome de Deus.

A Bíblia foi “inspirada por Deus” e é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Timóteo 3:16). Ela foi revelada pelo próprio Deus, “que não pode mentir” (Tito 1:2). Os seres humanos mentem, mas Deus não. Por isso, devemos dar ouvidos ao que Ele nos disse nessa mensagem angélica.

Uma vez que essa mensagem vem do Céu, isto é, de muito acima da Terra, é proclamada para os “que habitam na terra”. O profeta Isaías cita um alto monte (Isaías 40:9; 52:7) como o local do qual o evangelho é pregado para quem está embaixo. Antes de enviar Seus discípulos para pregar, Jesus disse que aquilo que Ele havia lhes contado em segredo seria proclamado dos telhados (Mateus 10:27), lugares altos de onde suas vozes seriam ouvidas pelas pessoas nas ruas abaixo.

Alcance global

O anjo também fala com “voz forte”, dando a ideia de ser facilmente ouvido. Nos tempos bíblicos, muito antes da invenção de qualquer amplificador eletrônico, mensageiros eram treinados desde a juventude para ter uma voz forte. Esses homens capacitados viajavam de cidade em cidade transmitindo o comunicado de seus senhores ao público que se aglomerava para ouvi-los.

Em suma, a mensagem desse primeiro anjo será proclamada no mundo inteiro, por escrito ou audivelmente. Este livro que você está lendo agora faz parte do cumprimento dessa verdade profética. Ninguém poderá alegar ignorância. A universalidade dessa mensagem também se encontra naqueles para quem é direcionada: “aos que habitam na terra, e a cada nação, tribo, língua e povo”. A expressão “os que habitam na terra” também é usada no Apocalipse para retratar aqueles que não escolheram seguir e obedecer a Deus (Apocalipse 13:8, 14). No entanto, uma vez que a mensagem do primeiro anjo é um chamado à fidelidade, nesse contexto, a expressão deve se referir a um tempo em que as pessoas ainda têm a oportunidade de escolher a quem irão adorar e obedecer (conforme cap. 6). Aliás, aquilo que vem logo em seguida, a expressão explicativa “cada nação, tribo, língua e povo”, revela a universalidade da mensagem. É para todo ser humano.

Isso faz sentido. A humanidade foi criada, no princípio, a fim de viver para sempre. Para nos garantir essa vida eterna (caso a aceitemos), Deus estipulou um “evangelho eterno”, muito antes de qualquer um de nós dar o primeiro suspiro. “Pois é para esse fim que trabalhamos e nos esforçamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos, especialmente dos que creem” (1 Timóteo 4:10). Milhares de anos atrás, o Senhor disse a Abrão (posteriormente Abraão) que nele seriam “benditas todas as famílias da terra” (Gênesis 12:3). O fogo destruidor foi originalmente preparado somente para o diabo e seus anjos, não para os seres humanos e sua descendência (Mateus 25:41).

A universalidade da mensagem angélica tem algo a dizer sobre a igualdade essencial da humanidade.

O plano da salvação é, em última instância, uma restauração, recriando o que foi arruinado pelo pecado e pela morte. Logo, não é de se espantar que a proclamação da primeira mensagem evangélica seja o “evangelho eterno” para toda a humanidade. Cristo morreu por todas as pessoas, sem deixar nenhuma de fora. A tragédia dos perdidos é que ninguém deveria se perder, não depois de já ter sido pago um preço tão alto por sua salvação – a crucifixão do próprio Criador.

Por fim, em um mundo arrasado por conflitos étnicos, raciais e de gênero, a universalidade da mensagem angélica tem algo a dizer sobre a igualdade essencial da humanidade: somos todos miseráveis, necessitados da graça de Deus. A morte não faz distinção de raça, gênero, classe social ou riqueza. É uma destruidora que atinge a todos. “Cada nação, tribo, língua e povo” é, em última instância, igual e impotente diante dela, pois, mais cedo ou mais tarde, ela levará “cada nação, tribo, língua e povo” de volta ao pó da terra de onde todos vieram. É por isso que a mensagem do primeiro anjo se dirige a todos nós.

Temer ou amar?

Por que as primeiras palavras de um anjo que proclama o evangelho eterno seriam “temam a Deus”? Pense mais uma vez sobre o que o evangelho eterno fala. O Deus que criou e mantém o Universo, com seus bilhões de galáxias, cujo poder é tão vasto que nossa imaginação é incapaz de compreender, esse Deus Se rebaixou voluntariamente, por amor a nós, a ponto de Se tornar um de nós. “Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus, que, mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. Pelo contrário, Ele Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se semelhante aos seres humanos. E, reconhecido em figura humana, Ele Se humilhou, tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz” (Filipenses 2:5-8).

Já teria sido uma humilhação tremenda apenas descer das glórias do Céu para vir como ser humano a este planeta caído, repleto de enfermidades, guerras e crimes. Afinal, o que é a Terra em contraste com a vastidão do Universo, com seus estimados 2 trilhões de galáxias, cada uma delas com bilhões de estrelas e exoplanetas? Na geografia do cosmos, nosso sistema solar inteiro, incluindo o Sol, não teria mais relevância ou importância que um grão de areia. Esse é o nosso sistema solar. O que dizer então

do nosso planeta, a Terra, ou de cada um de nós, que, em contraste com a Terra, não passamos de minúsculos passageiros que um dia morrerão e cujo corpo desaparecerá no pó?

Contudo, tão grande foi o Seu amor por nós que Ele não só veio viver em nosso meio, mas também Se permitiu ser zombado, ridicularizado, humilhado e crucificado – Ele, o Criador do Universo – para que todos tenhamos a promessa da vida eterna.

Não é de se espantar que devamos temê-Lo, não no sentido de ficar assustados, mas maravilhados, absolutamente reverentes e, ao mesmo tempo, totalmente pasmos por Ele Se importar tanto conosco, mesmo pagando um preço pessoal tão grande por isso. Ele é tão poderoso e nós tão frágeis, imundos e pecadores que Deus teria todas as justificativas para simplesmente nos eliminar. Em vez disso, porém, Ele Se humilhou e, cruzando o vazio que existe entre nós e Deus, Cristo Se tornou um ser humano. Por meio de Seu sacrifício pessoal voluntário, Jesus Se conectou a nós com vínculos que jamais se romperão.

Temer a Deus? Temer a quê? Bem, temer que pequemos contra Ele, diante de tamanho amor, um amor tão imerecido e uma graça tão incessante. Temer que precisemos comparecer na presença Dele sem o Seu manto de justiça. Temer que acabemos nos esquecendo do Seu grande amor e rejeitemos a Sua oferta de salvação. É um pensamento assustador que, a despeito da cruz, a despeito da abnegação assombrosa do próprio Deus, a despeito do preço infinito pago por nossa vida, ignoremos, esqueçamos ou rejeitemos o que foi feito por nós. Mais uma vez, “antes dos tempos eternos” (2 Timóteo 1:9; Tito 1:2), cada um de nós foi escolhido Nele para ter a vida eterna que deveríamos possuir desde o princípio. E, a fim de garantir essa vida para nós, antes mesmo de que existíssemos, Cristo fez uma aliança com o Pai e com o Espírito Santo de Se sacrificar por nós. Esse é o único meio de qualquer um de nós ter a vida eterna.

Diante disso, como muitos podem *rejeitar essa oferta*? Afastar-se desse preço tão extraordinariamente infinito pago por nós? Desconsiderar esse sacrifício como se fosse pouca coisa, ou negligenciá-lo em troca dos prazeres passageiros, que jamais nos darão felicidade verdadeira e acabarão passando? *Isso* que é um pensamento assustador!

As analogias humanas falham, mas imagine alguém que prejudica a saúde ao longo de muitos anos até à quase falência do coração. Um ente

querido, ao se deparar com a situação, oferece doar o coração, à custa da própria vida. O coração é retirado, mas o enfermo escolhe não o aceitar, mesmo depois que o outro morreu para que ele o tivesse. Muito toscamente, é mais ou menos isso que significa rejeitar o que Cristo fez por nós, ao contemplarmos o Calvário.

No passado, as pessoas olhavam para o céu estrelado e sentiam reverência e temor diante da vastidão, da grandiosidade e da beleza daquilo que estava acima, enquanto elas próprias eram tão pequenas, miúdas e aparentemente insignificantes. Hoje, telescópios revelam um cosmos tão vasto que fazemos pouco caso de distâncias como 20 bilhões de anos-luz,¹ uma vez que essas distâncias nos dão a ilusão de que somos capazes de compreender o Universo, quando, na verdade, deveríamos apenas estremeecer, estarrecidos e tomados de temor, diante da magnificência estrelada ao nosso redor. Se os seres humanos só podem ficar pasmos perante a criação em si, quanto mais na presença do Deus que a criou e mantém! Esse pensamento deveria ser mais do que o suficiente para nos levar a tremer diante Dele. Devemos acrescentar a isso nossa própria indignidade diante do Senhor e reconhecer que, apesar de nossa indignidade, Cristo Se sacrificou por nós!

Ao se deparar com ideias tão grandiosas, com um amor cósmico centralizado em nós, como não exclamar: *Quem é suficiente para tudo isso?* Como não perguntar: O que devo fazer? Que resposta seria digna de tudo aquilo que nos foi dado? O que em nossa vida poderia ter qualquer importância diante do que Jesus fez por nós? A resposta é... dar-Lhe glória (Apocalipse 14:7)!

Referência

¹ Isto é, viajando à velocidade da luz, a quase 300 mil quilômetros por segundo, uma pessoa gastaria 20 bilhões de anos para alcançar essa distância.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite6>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

7

Esperança de Justiça

É comum, nas Escrituras, a ideia de Deus ser glorificado por Seu povo. Contudo, a expressão “dar glória” a Deus é incomum. Assim, seu uso na primeira mensagem angélica é tão especial quanto revelador.

Um exemplo poderoso pode ser extraído do início da história israelita, quando os filhos de Israel, após peregrinarem por 40 anos pelo deserto, finalmente entraram na Terra Prometida, a qual se encontrava repleta de povos perigosos e corruptos. Dentre outras coisas, aqueles indivíduos sacrificavam os filhos a seus deuses. Antes de entrar na terra, os hebreus foram especificamente advertidos contra essa terrível prática. “Não entregue os seus filhos para serem sacrificados a Moloque. Não profanem o nome do seu Deus. Eu sou o SENHOR” (Levítico 18:21, NVI). Aqueles cananeus eram povos maus, e, ao que tudo indica, tinham rejeitado havia muito tempo os esforços divinos de aproximação a eles (Gênesis 15:16). Observe também a seguinte ideia: ao cometer essa prática ímpia, os israelitas estariam profanando o nome de Deus. Trata-se do oposto do conceito de, ao fazer o bem, obedecer ao Senhor e deixar sua luz brilhar e glorificar o nome Dele.

Os filhos de Israel também foram advertidos contra guardar os bens daqueles povos para fins pessoais. “Quanto a vocês, cuidem para não ficar com nenhuma das coisas condenadas, para não acontecer que, depois de as terem condenado, vocês as tomem para si. Neste caso, tornariam maldito o arraial de Israel e trariam confusão a ele” (Josué 6:18, 19). Essas “coisas condenadas” poderiam contaminar espiritualmente o povo. A segurança de Israel na terra dependia de sua pureza espiritual. Nada ameaçava mais essa pureza do que ser contaminado pelas práticas perversas das

nações vizinhas. Boa parte do Antigo Testamento revela o quanto o povo hebreu se envolveu com as coisas que Deus os advertira a não praticar.

Bem no início, aliás, logo depois da entrada na Terra Prometida, sobreveio uma calamidade, e o Senhor explicou o porquê a Josué: “Levante-se! Por que você está assim prostrado sobre o seu rosto? Israel pecou. Quebraram a Minha aliança, aquilo que Eu lhes havia ordenado, pois tomaram das coisas condenadas, furtaram, mentiram e até debaixo da sua bagagem o puseram” (Josué 7:10, 11). A ideia de misturar coisas proibidas às próprias simbolizava aquilo que levaria à ruína da nação (prática que, conforme veremos, também assolou o cristianismo). Pouco depois de entrarem na terra, essa contaminação já estava em andamento.

Por ganância, cobiça e em desobediência flagrante aos mandamentos de Deus, que não queria ver Seu povo contaminado, alguém de Israel havia furtado objetos da cidade recém-destruída. Embora tenha recebido a chance de se apresentar e confessar o erro, somente depois de confrontado por Josué (a quem Deus revelou o culpado), Acã admitiu o que fizera, dizendo: “É verdade, eu pequei contra o SENHOR, Deus de Israel, e fiz assim e assim. Quando vi entre o despojo uma boa capa babilônica, uns dois quilos e meio de prata e uma barra de ouro pesando mais de meio quilo, cobicei essas coisas e as peguei para mim; e eis que estão escondidas na terra, no meio da minha tenda, e a prata, por baixo” (versos 20 e 21).

Quando a situação foi investigada e se descobriu que era verdade, Josué confrontou Acã pela primeira vez. Ele disse: “Meu filho, dê glória ao SENHOR, Deus de Israel, e renda louvores a Ele. E conte-me, agora, o que foi que você fez; não me esconda nada” (Josué 7:19). *Dê glória a Deus*, assim como na expressão encontrada em Apocalipse 14:7. No contexto do juízo, de ser chamado a admitir a própria culpa, Acã é instruído a dar glória a Deus. O que isso significa? Não se trata de dar glória cantando louvores ao Senhor. Em vez disso, é admitir que Deus era justo não só ao chamar a atenção para a ganância, egoísmo e rebeldia de Acã, como também na penalidade que se seguiria. Acã merecia o castigo que estava prestes a sofrer e se esperava que ele reconhecesse esse fato. Em suma, dar glória a Deus equivale a admitir, no contexto do juízo, que o julgamento de Deus é completamente justo.

Levando em conta o conflito cósmico e a justiça divina ao lidar com ele, como é importante não só que os juízos de Deus sejam justos, mas que o Universo reconheça essa justiça (Efésios 3:10)! Aliás, Apocalipse 19:1 e 2

retrata alguns desses “principados” e des-sas “potestades” nas regiões celestiais bradando: “Aleluia! A salvação, a glória e o poder são do nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os Seus juízos.”

É por isso que essa expressão específica, “dar glória” a Deus, aparece também em outros cenários de juízo divino (1 Samuel 6:5; Jeremias 13:15, 16; Malaquias 2:2). Sem dúvida, o exemplo mais dramático, importante e poderoso ocorre no âmag

da mensagem do primeiro anjo: “Temam a Deus e deem glória a Ele, pois é chegada a hora em que Ele vai julgar” (Apocalipse 14:7). Por que “temer a Deus”? Por que “dar glória a Ele”? Porque é chegada a hora em que Ele julgará. Ou seja, chegou “a hora do Seu juízo” (ARA).

Julgamento? Juízo de Deus? O Deus que tudo sabe, tudo vê e conhece cada pensamento, cada ato secreto, inclusive as coisas das quais você já se esqueceu há muito tempo? Esse juízo?

Quais são suas perspectivas nesse cenário?

Pare de se preocupar

Anos atrás, ateus britânicos lançaram uma campanha naqueles famosos ônibus vermelhos de dois andares que circulam pelas ruas de Londres. O anúncio dizia (em inglês): “Deus Provavelmente Não Existe. Então Pare de se Preocupar e Aproveite a Vida.”

Deus *provavelmente* não existe?

E se Deus existir, por que você deveria se preocupar? Talvez porque esse Deus tenha um padrão moral, como os Dez Mandamentos, que as pessoas sejam obrigadas a seguir, em oposição aos padrões pessoais que, com frequência, não se erguem além dos próprios ímpetos e desejos. O mero pensamento da existência desse Deus subentende um senso de obrigação moral e prestação de contas, exatamente as preocupações daqueles que estavam por trás da campanha nos ônibus. Essa preocupação tem seus motivos, levando-se em conta que a Bíblia retrata a depravação humana – “para que toda boca se cale, e todo o mundo seja culpável diante de Deus” (Romanos 3:19) – em termos severos (conferir Romanos 11).

É importante não só que os juízos de Deus sejam justos, mas que o Universo reconheça essa justiça.

A escolha de palavras nesse anúncio, com seu apelo para que paremos de nos preocupar, revela o medo de um Deus moral cuja existência seus criadores tentam negar.

Um jovem agnóstico de vez em quando refletia: “Quem sabe realmente exista um Deus.” Entretanto, cada vez que o pensamento lhe vinha à mente, ele o afastava. Por quê? Porque, se houvesse mesmo um Deus, ele estaria em apuros! Quem colocou aqueles anúncios nos ônibus londrinos podia ter o mesmo medo, e com um bom motivo para isso também!

Se os ateus estiverem certos quanto à inexistência de Deus, então imagine o que isso significaria em relação ao clamor por justiça que existe desde o início da história humana. Se “Deus provavelmente não existe”, então provavelmente não há esperança de justiça, de correção de equívocos ou de que inúmeros males serão reconhecidos e punidos. Cada ato de maldade que ficou sem castigo permanecerá assim para sempre – um pensamento deprimente e desprovido de qualquer esperança.

Se “Deus provavelmente não existe”, então provavelmente não há esperança de justiça.

Talvez você já tenha ouvido falar do carro americano chamado “Pinto”, nome dado em homenagem a uma raça de cavalos. Foi um modelo popular nos Estados Unidos da década de 1970, uma tentativa de competir com o Fusca, da Volkswagen. A empresa, incluindo seu icônico executivo, sabia que o veículo não era seguro e que, se sofresse uma colisão traseira, o tanque de combustível explodiria. Ao fazer uma análise do custo-benefício, a montadora resolveu manter o carro assim mesmo, com os perigosos defeitos de fabricação, pois seria mais barato pagar os processos judiciais por causa das mortes e das lesões corporais do que consertar o modelo.

“O que chamou a atenção do público foi a revelação de que a empresa achou mais barato pagar indenizações para as famílias de vítimas dos incêndios veiculares do que bancar os 137 milhões de dólares necessários para consertar o modelo de imediato, de acordo com um memorando interno da empresa, apresentado durante um julgamento civil. Isso significava que fazer os reparos não compensava em termos de custo-benefício.”¹

Centenas de passageiros e motoristas morreram, sofreram queimaduras e mutilações, inclusive um garoto de 13 anos que teve 90% do corpo queimado, porque priorizaram os lucros, em detrimento das pessoas. No entanto, as explosões e a morte de clientes não foi uma publicidade positiva para a empresa, cuja propaganda do carro nas estações de rádio incluía a frase: “O carro deixará você com uma sensação calorosa de aconchego.” As propagandas e o veículo inseguro foram, por fim, retirados do mercado, mas não sem antes deixar um rastro de queimaduras e morte.

No entanto, o executivo continuou a ter fama e imensa fortuna. Morreu de velhice aos 94 anos e se consagrou como uma figura reverenciada no meio empresarial norte-americano.

Onde está a justiça?

Se “Deus provavelmente não existe”, então, conforme advertiu o poeta Czeslaw Milosz, há o “nada após a morte – o imenso consolo de pensar que jamais seremos julgados por nossas traições, nossa ganância, covardia e nossos assassinatos”.² Alguns, é claro, desejam exatamente isto: nenhuma condenação por seus atos de traição, ganância, covardia e todos os outros males humanos dos quais foram culpados, sem nunca ser responsabilizados.

Há somente um problema: a Bíblia ensina repetidamente, de Moisés a Paulo, em parábolas e poesias, a clara advertência de que Deus é justo e que os seres humanos precisarão responder por todos os seus atos e os males que cometeram.

Aqui está apenas um apanhado geral das promessas bíblicas sobre o que está à espera do mal que até aqui não foi castigado:

“Eis que venho sem demora, e comigo está a recompensa que tenho para dar a cada um segundo as suas obras” (Apocalipse 22:12).

“Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Eclesiastes 12:14).

“Mas o SENHOR permanece no Seu trono eternamente, trono que erigiu para julgar. Ele mesmo julga o mundo com justiça; julgará os povos com retidão” (Salmo 9:7, 8).

“E você, que condena os que praticam tais coisas, mas faz o mesmo que eles fazem, pensa que conseguirá se livrar do juízo de Deus?” (Romanos 2:3).

“Pela mesma palavra, os céus e a terra que agora existem têm sido guardados para o fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios” (2 Pedro 3:7).

“Temam a Deus e deem glória a Ele, pois é chegada a hora em que Ele vai julgar. E adorem Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7).

Pois é chegada a hora em que Ele vai julgar. O que isso significa? E mais: que esperança nós, pecadores, pessoas que fizeram coisas que ficaram impunes, podemos esperar desse juízo também?

Referências

¹ Robert Sherefkin, *Automotive News*, “Lee Iacocca’s Pinto: A fiery failure”, disponível em <<https://www.autonews.com/article/20030616/SUB/306160770/lee-iacocca-s-pinto-a-fiery-failure>>, acesso em 12 de maio de 2021.

² Czeslaw Milosz, *Road-Side Dog* (Nova York: Farrar, Strauss, Giroux, 1998), p. 22.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite7>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

8

A Hora do Juízo

“**P**orque chegou o tempo de começar o juízo pela casa de Deus; e, se começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (1 Pedro 4:17).

“Digo a vocês que, no Dia do Juízo, as pessoas darão conta de toda palavra inútil que proferirem; porque, pelas suas palavras, você será justificado e, pelas suas palavras, você será condenado” (Mateus 12:36, 37).

“Porque Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um Homem que escolheu. E deu certeza disso a todos, ressuscitando-O dentre os mortos” (Atos 17:31).

Poderíamos prosseguir assim, apresentando um texto bíblico após o outro, que fala de Deus como um Deus de juízo, além de dar a certeza proveniente do Céu de que haverá prestação de contas. A injustiça e o mal na Terra um dia receberão resposta e punição adequadas. O conceito do juízo divino permeia as Escrituras. Não existirá um juízo amplo e único que consertará todas as ofensas, punirá todos os males e recompensará toda a bondade. Em vez disso, os juízos divinos são eventos múltiplos, que dependem do tempo, do lugar e das circunstâncias. Com base em Seus juízos no passado, podemos aprender agora sobre o juízo presente e futuro.

Desde o juízo de Deus contra Adão e Eva após a queda (Gênesis 3:14-19), passando pelo dilúvio (Gênesis 7), a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19), a queda da Babilônia antiga (Daniel 5), até a declaração do juízo na primeira mensagem angélica e o juízo final no fim dos tempos (Apocalipse 20), a Bíblia revela a realidade dos juízos divinos.

Uma descrição poderosa e especialmente relevante dessa natureza é encontrada no livro de Daniel, no Antigo Testamento. No capítulo 7,

o profeta teve o sonho profético de quatro bestas que surgiram do mar (v. 3), cada uma delas simbolizando um império mundial (v. 17) que se levantaria e desaparecia, tornando-se história antiga, até acontecer um julgamento de proporções gigantescas no Céu (v. 9, 10, 22, 26), que conduz ao reino eterno de Deus (v. 14, 22, 27). O principal objetivo do sonho profético é mostrar que esses quatro reinos terrenos e passageiros são sucedi-

**A Bíblia revela
a realidade dos
juízos divinos.**

dos, em última instância, pelo reino eterno de Deus: “Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade a eternidade” (v. 17, 18).

Esses quatro reinos ou impérios terrenos são identificados há muito tempo como Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma, que de alguma forma permanece até o fim do mundo presente. A Roma da república, e depois dos Césares, foi a fase de Roma que surgiu logo após a Grécia antiga. No entanto, Roma, o quarto poder, existe até hoje (conforme predisse a profecia, pois continua até o fim do mundo), mas em sua fase papal. Aliás, a quarta besta foi descrita com certas características que se encaixam muito bem com Roma medieval, as quais incluem, infelizmente, forte perseguição (v. 21, 24, 25).

Em diferentes partes do capítulo (v. 9, 10, 22, 26), um juízo celestial do tempo do fim é descrito conduzindo ao reino eterno, que a Bíblia chama de “novo céu e nova terra” (Apocalipse 21:1; ver Isaías 65:17; 66:22; 2 Pedro 3:13).

A primeira diz assim: “Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou. Sua roupa era branca como a neve, e os cabelos da cabeça eram como a lã pura. O Seu trono eram chamas de fogo, e as rodas do trono eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante Dele. Milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante Dele. Foi instalada a sessão do tribunal e foram abertos os livros” (Daniel 7:9, 10).

O “Ancião de Dias” (um nome para Deus), tronos, livros abertos, cenário de juízo – fica claro que algum tipo de sala do trono cósmica está se descortinando perante todos esses outros seres celestiais. Considerando o que já vimos acerca do grande conflito e do interesse “dos poderes e

autoridades nas regiões celestiais” (Efésios 3:10), isso não deveria nos causar espanto.

O mesmo juízo é retratado posteriormente nas seguintes palavras: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite. E eis que vinha com as nuvens do céu Alguém como um Filho do homem. Ele Se dirigiu ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele. Foi-Lhe dado o domínio, a glória e o reino, para que as pessoas de todos os povos, nações e línguas O servissem. O Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o Seu reino jamais será destruído” (Daniel 7:13, 14).

O Ancião de Dias, agora com o “Filho do homem” – termo usado várias vezes no Novo Testamento por Jesus para Se referir a Si mesmo (Mateus 17:22; 20:18; 24:30; Marcos 2:10; 10:33; Lucas 6:22; 11:30; 12:10; 17:22; João 6:53; 12:34; 13:31) – está em algum tipo de evento celestial, outra descrição do juízo que conduz diretamente ao reino eterno de Deus.

Outra imagem do mesmo juízo, embora fale primeiro de acontecimentos aqui na Terra, diz: “Até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo. E veio o tempo em que os santos possuíram o reino” (Daniel 7:22; conforme v. 26, 27). Note: o juízo *faz justiça ao povo de Deus*. Nossa tendência é pensar em juízo como algo ruim, que leva à punição, o que, em muitos casos, é verdadeiro. Nessa situação, porém, pelo menos para os “santos” (termo bíblico para o povo de Deus, em nada relacionado ao conceito popular de santos canonizados), o juízo lhes é favorável, pois faz justiça a eles.

Como, porém, isso pode acontecer? Não fomos todos nós considerados pecadores? Não estamos cientes do quanto somos maus? A Bíblia afirma: “Não há quem entenda, não há quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntamente se tornaram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua enganam, veneno de víbora está nos seus lábios. A boca, eles a têm cheia de maldição e amargura; os seus pés são velozes para derramar sangue. Nos seus caminhos, há destruição e miséria; eles não conhecem o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Romanos 3:11-18).

Como, então, qualquer um de nós, inclusive os “santos” no juízo, com os livros abertos, seria capaz de se apresentar perante um Deus que conhece cada pensamento mau, cada ato oculto, todas aquelas coisas que fizemos em segredo e jamais gostaríamos que fossem reveladas (ver Eclesiastes 12:14)? Por meio do evangelho eterno. Só assim!

Protegidos

Não é coincidência que evangelho e juízo apareçam juntos. Por melhores que sejam as boas-novas do evangelho, elas ganham mais sentido quando associadas ao juízo. Por quê? Porque nossa única esperança no juízo *é o evangelho*, ou seja, é a justiça de Cristo, aceita pelo Pai como se fosse nossa no momento em que nos apropriamos dela pela fé. Não precisamos temer a condenação. “Agora, pois, já não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1). Nenhuma condenação agora e, com certeza, no juízo.

Seria por que não temos pecado? Não. A razão verdadeira é porque Jesus não pecou, e a “ficha” Dele é creditada como se fosse nossa. É por isso que o juízo em Daniel 7 é “a favor dos santos do Altíssimo” (Daniel 7:22, NVI). Assim como o ladrão na cruz, eles foram cobertos pela justiça de Cristo. Ou, conforme explicou Paulo: “O ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Romanos 3:28).

Justificado independentemente das obras da lei? É claro. A lei, por mais que seja santa, justa e boa (Romanos 7:12), aponta para o pecado, mas não é capaz de expiá-lo. A lei é como um espelho: mostra exatamente onde estão suas manchas. Mas, não importa por quanto tempo ou com que frequência você se olhe no espelho, ele não é capaz de eliminar as manchas. A lei revela o pecado, mas não oferece poder para vencê-lo nem pode perdoá-lo. Por isso necessitamos do evangelho.

Uma expressão grandiosa da lei e do juízo de Deus pode ser encontrada no santuário do Antigo Testamento, e posteriormente no templo de Jerusalém, o centro de adoração do antigo Israel. É o mesmo templo no qual Jesus fez a célebre expulsão daqueles que profanaram esse lugar sagrado com sua ganância e um comércio exploratório (conforme Mateus 21:12, 13). Foi ali que o povo de Israel aprendeu sobre o plano da salvação, o “evangelho eterno”. Parte central dos ritos do santuário correspondia aos sacrifícios de cordeiros, bois e bodes. Cada um deles era um símbolo, um tipo, uma miniprofecia da morte de Jesus na cruz, bem como de Sua obra como nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial. É por isso que, ao apresentar Jesus pela primeira vez, João Batista exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (João 1:29). Em vez de cada pecador morrer pelo próprio pecado, o cordeiro, um símbolo de Jesus, morria no lugar do pecador. Em vez de nós, em última instância, morrermos por

nostros pecados, Jesus na cruz o fez em nosso lugar. E essa grande verdade era proclamada, em símbolos, no templo.

O templo também contava com dois compartimentos e, muito embora todos os dias o sangue expiatório dos animais sacrificados fosse levado para o primeiro compartimento, uma vez por ano, o sangue dos sacrifícios era conduzido ao segundo compartimento, o mais interior, em um ritual conhecido como *Yom Kippur*, o Dia da Expição (ver Levítico 16). Esse era o dia do juízo, uma boa-nova para os filhos de Israel, pois, mesmo havendo pecado, seus pecados eram perdoados, expurgados e purificados pelo sangue derramado. Assim, poderiam comparecer juntos perante Deus naquele juízo. Essa cerimônia anual acontecia “por causa das impurezas dos filhos de Israel e por causa das suas transgressões e de todos os seus pecados” (Levítico 16:16). Ou seja, eles haviam pecado, e aquele era o dia de prestação de contas.

Entretanto, aquele dia era *Yom Kippur*, o Dia da Expição. Expição diz respeito a perdoar pecadores, não a condená-los. Esse perdão só pode se originar do sangue – não da lei. Embora dentro do segundo compartimento do santuário, na arca da aliança (ver Números 10:33; Deuteronômio 10:3; 31:26), estivessem as tábuas dos Dez Mandamentos, que mostravam a Israel sua sagrada obrigação de cumprir a lei, a expiação não acontecia por causa da lei. Na verdade, a lei, que as pessoas haviam transgredido, as condenaria, não fosse o sangue. “Ele [o sumo sacerdote] pegará um pouco do *sangue* do novilho e, com o dedo, o aspergirá sobre a frente do propiciatório; e, diante do propiciatório, aspergirá sete vezes do *sangue*, com o dedo. Depois, matará o bode da oferta pelo pecado, que será para o povo. Trará o *sangue* do bode para dentro do véu e fará com esse *sangue* como fez com o *sangue* do novilho; ele o aspergirá no propiciatório e também diante dele” (Levítico 16:14, 15, *itálicos acrescentados*). O propiciatório era a tampa de ouro que cobria a arca da aliança. Esta, por sua vez, continha os Dez Mandamentos. O sangue aspergido ali no propiciatório simbolizava o sangue de Jesus, que expiava a transgressão dos Dez Mandamentos.

“Isso lhes será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez dias do mês, vocês se humilharão e não farão nenhum trabalho, nem o natural da terra nem o estrangeiro que peregrina entre vocês. Porque, naquele dia, se fará expiação por vocês, para purificá-los; e vocês serão purificados de todos os seus pecados, diante do SENHOR” (v. 29, 30). Era um dia solene,

o dia do juízo, e o povo deveria “se humilhar” ou afligir a própria alma (ver verso 31). Ou seja, era um dia de arrependimento, de analisar o próprio interior, de reconhecer suas falhas. Os israelitas dependiam do sangue não só para que seus pecados fossem perdoados, mas também para serem purificados da transgressão.

Desde a morte do animal até o sacerdote aspergindo o sangue no santuário, tudo prefigurava o “evangelho eterno” (Apocalipse 14:6), no qual Jesus é primeiro o sacrifício e depois o sumo sacerdote. Um livro inteiro do Novo Testamento, Hebreus, explica que o santuário terreno era um símbolo do santuário celestial, no qual Jesus, após derramar o sangue na cruz (ato simbolizado pelos sacrifícios de animais), agora ministra como nosso Sumo Sacerdote.

“Ora, o essencial das coisas que estamos dizendo é que temos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, como Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (Hebreus 8:1, 2).

Desde a morte do animal até o sacerdote aspergindo o sangue no santuário, tudo prefigurava o “evangelho eterno”.

Assim como o primeiro sacerdote intercedia pelos pecadores, levando sangue para dentro do santuário, Jesus, nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial, intercede por nós também. “Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou melhor, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Romanos 8:34). “Por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25). “Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Mas, se alguém pecar,

temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 João 2:1). “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro Santuário, porém no próprio Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus” (Hebreus 9:24).

Observe o tema aqui: Cristo está no Céu, no santuário celestial, intercedendo por nós. Ele está na presença de Deus *por nós*. É um advogado *por nós*.

É por isso que agora, no tempo desse julgamento, nós temos a certeza da salvação por causa daquilo que Cristo fez por nós na cruz, como nosso sacrifício, e por aquilo que faz por nós agora, no santuário celestial, na função de Sumo Sacerdote. Mais uma vez: “Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou melhor, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Romanos 8:34). Por causa dessa intercessão, “não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus” (v. 1) – nenhuma condenação agora nem no juízo.

Aliás, a mensagem do primeiro anjo sobre o juízo acontece no contexto do Dia da Expição. Embora o livro do Apocalipse esteja repleto de imagens do santuário terrestre (Apocalipse 1:23; 5:5; 8:3-8; 11:19; 15:5-8; 21:1-8), não muito antes dos acontecimentos retratados nas três mensagens angélicas se desenrolarem, Apocalipse 11:19 declara: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Sua aliança no Seu santuário.” A única ocasião na qual o sumo sacerdote entrava no segundo compartimento, onde se via a arca da aliança, era durante o Dia da Expição, o dia do juízo.

Logo, a mensagem do primeiro anjo nos diz que “é chegada a hora em que Ele vai julgar”. Por isso, embora Seu povo tenha o dever de temer a Deus e dar glória a Ele, os remidos o fazem com a segurança da vida eterna em Jesus prometida a eles pelo “evangelho eterno” – a promessa que lhes pertence pela fé.

Haveria outra possibilidade?



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link:
<http://adv.st/convite8>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora:
<http://adv.st/queroconversar>

9

Palmas Para o Autor

Leia a primeira frase da Bíblia. Ela não começa com afirmações sobre o amor e a salvação de Deus. Em vez disso, inicia com as seguintes palavras: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Isso acontece porque todos os outros ensinamentos – a morte de Jesus, o conflito cósmico, a condição pecadora do ser humano, a queda da humanidade, o juízo – só fazem sentido porque Deus criou nosso mundo.

Caso contrário, como seria? Em um Universo sem Deus, a morte de Jesus na cruz seria apenas o fim de mais um judeu condenado pelos romanos. Em um Universo sem Deus, o que a ideia do juízo final significa? Quem faria o julgamento? Qual seria a recompensa e o castigo? Em um Universo sem Deus, qual seria a “boa-nova”, além da realidade de que vivemos, lutamos, sofremos, morremos e então vamos embora para sempre, assim como todas as lembranças da nossa existência? Que “boa-nova”, não é mesmo?

É por isso que a Bíblia começa com a verdade que fundamenta todas as outras verdades bíblicas, a saber, o “evangelho eterno”, o juízo, o conflito cósmico, a queda e tudo que as Escrituras ensinam. Essa verdade é a que apresenta Deus como nosso Criador. Contrariando a ideia moderna de que a vida aqui na Terra surgiu por acaso, sem qualquer propósito, a Bíblia começa com o que deveria ser uma verdade óbvia: de que a vida em toda a sua beleza e complexidade foi criada por Deus.

Viagem no tempo

Embora as mensagens dos três anjos sejam destinadas especificamente para os últimos dias (o tempo em que vivemos), elas apontam de volta aos seis primeiros dias, à criação da vida na Terra. O vocabulário usado por João

na primeira mensagem angélica provém do Antigo Testamento. Nesse caso específico, as palavras da mensagem angélica – “adorem Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7) – derivam do quarto mandamento, isto é: “Lembre-se do dia de sábado, para o santificar. Seis dias você trabalhará e fará toda a sua obra, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, seu Deus. Não faça nenhum trabalho nesse dia, nem você, nem o seu filho, nem a sua filha, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu animal, nem o estrangeiro das suas portas para dentro. Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

Êxodo 20:11 diz: “Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar”. A primeira mensagem angélica diz: “Adorem Aquele que fez o céu, a terra, o mar.” Apocalipse 14:7 faz referência direta ao quarto mandamento, o qual, por sua vez, alude diretamente à criação. As últimas palavras do quarto mandamento – “Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:11) – vêm expressamente do relato da criação em Gênesis: “E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis 2:3).

O primeiro anjo (Apocalipse 14:6) nos leva ao quarto mandamento (Êxodo 20:8-11), o qual, por sua vez, nos conduz aos seis dias da criação (Gênesis 1-2). Nos seis dias da criação se encontra uma ênfase específica no sétimo dia. “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e tudo o que neles há. E, havendo Deus terminado no sétimo dia a Sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis 2:1-3).

Outra ideia que vale a pena ser lembrada: quando Deus abençoou o sétimo dia, o santificou e nele descansou, somente Adão e Eva existiam.

Contrariando a ideia moderna de que a vida aqui na Terra surgiu por acaso, sem qualquer propósito, a Bíblia começa com o que deveria ser uma verdade óbvia.

Não havia judeus! O povo judeu só surgiu milhares de anos depois, após Abraão (conforme Gênesis 29:35). A palavra “judeu” (ou “judeus”) ocorre pela primeira vez em 2 Reis 16:6 (ARA) e em 2 Reis 25:25, no 8º e 6º séculos a.C., muito tempo depois do relato da criação em Gênesis.

Em outras palavras, não é bíblica a ideia comum de que descansar no sétimo dia e santificar o sábado sejam práticas exclusivas para os

Foi o tempo, não o espaço, que Deus primeiramente considerou abençoado e santo. O tempo é a dimensão na qual as coisas do espaço existem.

judeus. Sim, os judeus praticantes guardam o sábado há mais tempo do que qualquer outro grupo, por isso são comumente associados a esse costume. Entretanto, o descanso sabático no sétimo dia não se originou com eles, nem a partir deles, assim como a maçã, logotipo presente em todos os produtos da Apple, não começou com Steve Jobs. A maçã e o sábado começaram no Éden, antes dos judeus e de Steve Jobs.

A doutrina da criação está presente em toda a Bíblia, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo. Ela é fundamental para todas as outras doutrinas, porque, nova-

mente, todos os outros ensinamentos bíblicos não têm valor quando são separados de Deus, nosso Criador. É por isso que o tema aparece com frequência:

“Pela fé, entendemos que o Universo foi formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não são visíveis” (Hebreus 11:3).

“Porque assim diz o SENHOR, que criou os céus – e Ele é o único Deus; que formou a terra e a fez – Ele a estabeleceu; Ele não a criou para ser um caos, mas para ser habitada: ‘Eu sou o SENHOR, e não há outro’” (Isaías 45:18).

“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas e por Tua vontade elas vieram a existir e foram criadas” (Apocalipse 4:11).

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3).

“Os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles” (Salmo 33:6).

“Acontece que, de propósito, esquecem que os céus existem desde muito tempo, e que a terra surgiu da água e através da água pela palavra de Deus” (2 Pedro 3:5).

“Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu; que formou a terra e tudo o que ela produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela” (Isaías 42:5).

“Só tu és o SENHOR! Fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo o que nela há, os mares e tudo o que há neles. Tu conservas a todos com vida, e o exército dos céus Te adora” (Neemias 9:6).

“Pois Nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio Dele e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste” (Colossenses 1:16, 17).

Há muitos outros textos que revelam a grande importância da doutrina da criação. Aliás, essa doutrina é tão importante que somos orientados a passar um sétimo de nossa vida, toda semana, sem exceção, nos lembrando dela – algo que não somos instruídos a fazer por nenhuma outra doutrina. Por quê? Porque, novamente, nenhuma outra doutrina faz sentido caso Deus não seja aceito como nosso Criador. Junto a “Não matarás”, “Não adulterarás” e “Não furtarás” está o mandamento de se lembrar do dia de sábado. Em um sétimo de nossa vida devemos nos lembrar de que Deus, somente Deus é o Criador.

Como é fascinante também que a primeira coisa da Bíblia considerada santa não seja um altar nem um monte, mas um segmento de tempo: o sétimo dia. “E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis 2:3). A palavra “santificou” nessa passagem é traduzida de um termo hebraico que costuma significar “separado para uso santo”. Embora a criação tenha produzido os céus, a terra, as aves, os animais e os seres humanos para ocupar o espaço, foi o tempo, não o espaço, que Deus primeiramente considerou abençoado e santo. Isso se dá porque o tempo é a dimensão na qual as coisas do espaço, isto é, os céus e a terra, as aves, os animais e os seres humanos existem.

Por fim, esse memorial da criação é tão importante que, em vez de irmos até ele, o sábado vem a nós. Uma vez por semana, a mais de 1.600 quilômetros por hora (a velocidade aproximada de rotação da Terra ao redor do próprio eixo), o sábado circula o globo. “Iniciando ao pôr do

sol e partindo do ocaso seguinte, o sétimo dia varre todo o planeta a cada semana como uma imensa onda de purificação. Jamais precisamos procurá-lo. Esse dia sempre nos encontra.”¹

Logo, nesta mensagem de advertência sobre o fim do mundo, a Palavra de Deus nos leva de volta ao início do mundo e, de maneira específica, Àquele que o criou. Somos instruídos não só a temê-Lo e a Lhe dar glória, mas também a adorá-Lo.

Referência

¹ Clifford Goldstein, *A Pause for Peace* (Nampa, Idaho: Pacific Press, 1992), p. 46.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite9>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

10

À Sombra da Imagem

Um episódio dramático se desenrola no livro de Daniel. A escolha é inflexível, clara, sem qualquer ambiguidade. Ouvem-se os gritos: “Obedeça à lei da nação ou morra”, e morrer significa ser jogado vivo em uma fornalha ardente. Nada de meio-termo, sem direito a recurso ou perdão. “Obedeça ou morra queimado!”

A questão, porém, é mais profunda: adoração. A quem iriam adorar? Pois, no fim das contas, todos nós adoramos algo. “Nas trincheiras cotidianas da vida adulta”, escreveu o autor norte-americano David Foster Wallace, “não existe a opção de não adorar. Todo mundo adora. A única escolha que temos é adorar.”¹ O eu, a fama, o dinheiro, as celebridades, o sexo, o poder, qualquer coisa. Adoração não diz respeito somente a reverência religiosa, louvor ou cantar hinos para a glória do Senhor. Adoramos qualquer coisa que ocupe o lugar de Deus em nossa vida. Os ateus também adoram.

Miniatura da crise final

O relato de Daniel ajuda a formar um cenário, um pano de fundo para o Apocalipse, no qual estão as três mensagens angélicas. O episódio acontece no antigo império de Babilônia, nome que, conforme veremos, desempenha um papel relevante nas três mensagens angélicas. Embora a data não seja citada, acredita-se que o fato tenha ocorrido por volta de 594 a.C. O que aconteceu ali foi e continua sendo extremamente importante.

O império da Babilônia, sob o governo do rei Nabucodonosor, havia conquistado a nação de Judá, saqueado a terra, destruído Jerusalém e o seu templo sagrado, levando para longe os cativos. Dentre os exilados, havia quatro jovens judeus, Daniel, Hananias, Misael e Azarias, cujos nomes

hebreus foram mudados para nomes babilônicos: Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Em vez de trabalhar como escravos em uma mina insalubre ou algo do tipo, esses rapazes, de sangue hebreu nobre, foram levados para o palácio do rei, onde, depois de se sobressair “em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas” (Daniel 1:20), passaram a servir ao rei.

Por volta da mesma época, em 594 a.C., o rei Nabucodonosor mandou construir uma estátua de ouro gigantesca feita em sua homenagem. Ele ordenou a todos que adorassem a estátua. “Ordena-se a vocês, pessoas de todos os povos, nações e línguas, que, no momento em que ouvirem o som da trombeta, da flauta, da harpa, da cítara, da lira, da gaita de foles e de todo tipo de música, vocês se prostrem e adorem a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor levantou. Quem não se prostrar e não a adorar será, no mesmo instante, lançado na fornalha de fogo ardente” (Daniel 3:4-6).

Contudo, obedecer a esse decreto violaria um dos Dez Mandamentos, a lei de Deus. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a lei de Deus é o padrão de justiça ao qual o povo de Deus é chamado a observar. No Antigo Testamento, Moisés instruiu o povo de Deus a guardar “os Seus mandamentos” (Deuteronômio 30:10). No Novo, Tiago escreveu: “Pois quem guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Porque, Aquele que disse: ‘Não cometa adultério’, também ordenou: ‘Não mate.’ Ora, se você não comete adultério, porém mata, acaba sendo transgressor da lei” (Tiago 2:10, 11). Ou, conforme expresso no Apocalipse: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:12).

Um dos Dez Mandamentos diz: “Não faça para você imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não adore essas coisas, nem preste culto a elas” (Êxodo 20:4, 5). Por isso, aqueles três homens, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, se recusaram a adorar a imagem. Eles adoravam somente o Criador, nada nem ninguém mais.

Por essa recusa, foram levados à presença do rei, que perguntou: “Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, é verdade que vocês não prestam culto aos meus deuses, nem adoram a imagem de ouro que levantei?” (Daniel 3:14). Sem hesitação ou rodeio, eles responderam: “Ó Nabucodonosor, quanto a isto não precisamos nem responder. Se o nosso Deus, a quem

servimos, quiser livrar-nos, Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das suas mãos, ó rei. E mesmo que Ele não nos livre, fique sabendo, ó rei, que não prestaremos culto aos seus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que o senhor levantou” (v. 16-18).

Reunindo tudo o que os historiadores sabem sobre monarcas do antigo Oriente Próximo, como Nabucodonosor, é certo que esses governantes não estavam acostumados a ser abordados nesse tom. A resposta dos jovens, na melhor das hipóteses, não estava de acordo com a etiqueta apropriada para a corte. Mantendo-se firme à própria palavra, ele os lançou vivos na fornalha ardente. Convido você a ler Daniel 3 para descobrir como a história termina.

O ponto em questão aqui é *adoração*, quem adoramos, pois todos adoramos algo. Ou adoramos o Senhor – Aquele que “em seis dias [...] fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” (Êxodo 20:11) – ou adoramos alguma outra coisa.

Adorar outra coisa, qualquer que seja ela, além do Deus que nos criou e nos mantém, é idolatria. Não importa se a adoração é dirigida a uma estátua de ouro, à ciência, ao eu, ao dinheiro, ao sexo ou a qualquer objeto ou ideia que transformamos em um deus, ela continua a ser idolatria, pois somente o Senhor nos criou, nos mantém, nos dá vida e somente Ele merece nossa adoração.

Uma das obras de arte mais famosas é a estátua em mármore do rei Davi, esculpida pelo artista renascentista Michelangelo, entre os anos de 1501 e 1504. Imagine-se em pé diante desse bloco de mármore, exposto na galeria da Academia de Artes de Florença, na Itália, e agradecendo-lhe por estar ali, por ser tão rico e extraordinariamente detalhado e esculpido, até as veias das mãos, ou até mesmo por existir, como se a estátua houvesse esculpido a si mesma e se transformado na belíssima obra de arte que ela é. Em vez de elogiar e agradecer Michelangelo, seu criador, todo seu louvor e sua honra são direcionados à própria criatura, como se ela houvesse feito a si mesma. Isso não faria sentido, você concorda?

“Ó Nabucodonosor,
quanto a isto
não precisamos
nem responder” –
disseram os jovens,
sem vacilar.

Embora não passe de uma analogia, essa reflexão sobre o *Davi* de Michelangelo retrata o cerne de toda idolatria e falsa adoração: trata-se de adorar a criação ou algum aspecto dela (desde o eu até estátuas, celebridades ou a ciência), em oposição ao Criador. Conforme expressou Paulo: “Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito para sempre” (Romanos 1:25). Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus advertiu Seu povo contra a adoração de qualquer coisa além Dele. Não importa se fosse o Sol, a Lua e as estrelas (Deuteronômio 4:19), ou os “deuses” das nações vizinhas (Juízes 10:6; Deuteronômio 8:19; 1 Reis 11:33; Salmo 81:9; Jeremias 1:16), sua adoração idólatra era fútil e sem sentido.

O profeta Isaías retratou como essa prática era desprovida de significado:

Um homem corta para si cedros, toma um cipreste ou um carvalho, fazendo escolha entre as árvores do bosque; planta um pinheiro, e a chuva o faz crescer. Tais árvores servem ao homem para queimar; com parte de sua madeira ele se aquece e também assa o pão; com a outra parte ele faz um deus e se prostra diante dele; esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela. Metade queima no fogo e com ela assa a carne para comer; faz um assado e dele se farta; também se aquece e diz: “Ah! Já estou aquecido! E como é bom olhar para o fogo.” Do resto ele faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, prostra-se e lhe dirige a sua oração, dizendo: “Livra-me, porque tu és o meu deus” (Isaías 44:14-17).

Em algumas culturas, as pessoas são sofisticadas demais para fazer exatamente aquilo contra o que Isaías advertiu nessa passagem. O princípio, porém, é o mesmo: tudo o que toma o lugar de Deus em sua vida é falsa adoração e, não importa o que seja, nada pode fazer para salvá-lo mais do que o dinheiro ou o poder podem conseguir. Mais cedo ou mais tarde, a força da gravidade leva todos nós de volta ao pó, de onde viemos. Nossa única esperança e salvação se encontram no Senhor e em Seu “evangelho eterno”. Somente Deus merece ser adorado. Fama, sexo, poder, ciência, tecnologia, o eu, nenhum desses ídolos tem poder para nos salvar mais do que um pedaço de madeira ou uma foto na parede.

A experiência de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, em sua recusa a adorar a estátua, está diretamente ligada às três mensagens angélicas. Em Daniel 3, a expressão “adorem a imagem de ouro” ocorre seis vezes (v. 5, 7, 10, 12, 14, 18). O livro do Apocalipse, no capítulo que antecede as três mensagens angélicas e culmina nelas, adverte quanto a um tempo futuro de perseguição. Ameaçadas de morte, as pessoas serão forçadas a adorar “a imagem” (Apocalipse 13:15). Assim como em Daniel 3, a questão da adoração e de quem adoraremos ganha relevância especial. A terceira mensagem angélica usa o vocabulário de Daniel 3 quando adverte contra a adoração da falsa “imagem” (Apocalipse 14:9, 11), que aparece pela primeira vez em Apocalipse 13.

Em suma, a primeira mensagem angélica começa com o “evangelho eterno”, as boas-novas de Jesus, nosso Criador e Redentor, cuja justiça nos dá esperança na hora do Seu juízo. Além de nos conclamar a temer a Deus e dar glória a Ele, a mensagem do primeiro anjo chega ao auge e encerra com um chamado à adoração Daquela “que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” – e também estabeleceu, no Éden, o sétimo dia como memorial dessa criação. Conforme veremos, esse convite para adorar o Criador se torna mais evidente na mensagem do terceiro anjo quanto à adoração da “imagem”. Nesse momento, o tema da adoração envolverá o mundo inteiro.

Todos nós adoramos. Em última instância, adoramos uma destas duas opções: a criação ou o Criador. A primeira, a criação caída, é do que necessitamos ser salvos; a segunda, o Criador, é o único capaz de nos salvar dela. Criação ou Criador? A quem adoraremos?

Referência

¹ David Foster Wallace, “Transcription of the 2005 Kenyon Commencement Address - May 21, 2005”, disponível em <<https://web.ics.purdue.edu/~drkelly/DFWKenyonAddress2005.pdf>>, acesso em 12 de maio de 2021.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite10>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

11

O Fim de Babel

Trata-se de um episódio fascinante, envolto por mistérios criados tão somente pelo tempo, uma vez que ocorreu em um passado distante. Nosso único registro, as Escrituras, o retrata em apenas nove versos (Gênesis 11:1-9). No entanto, seus desdobramentos e resultados reverberam ao longo de milênios até o instante em que você está vivendo. O fato de ler estas palavras no idioma em que o livro chega até você se explica pelo que ocorreu nessa história. Daí o caráter tão fundamental e significativo desse evento.

O relato começa com esta frase: “Em toda a Terra havia apenas uma língua e uma só maneira de falar” (Gênesis 11:1). Uma vez que tudo aquilo que conhecemos e tudo que está registrado pela história também diz respeito à realidade de idiomas diferentes (estima-se hoje que existam cerca de 7 mil idiomas falados no planeta), o conceito pode parecer estranho, mas, ao se levar em conta que ainda era o início da história do mundo, faz sentido a ideia de “apenas uma língua e uma só maneira de falar”. “Este é o livro da genealogia de Adão. No dia em que Deus criou o ser humano, à semelhança de Deus o fez. Deus os criou homem e mulher, os abençoou e lhes deu o nome de ‘ser humano’, no dia em que foram criados” (Gênesis 5:1, 2). Um Deus, um povo, um idioma.

A primeira Babel

Embora o dia exato desse acontecimento seja desconhecido, sabemos que o dilúvio de Gênesis, a inundação mundial, já havia acontecido. Noé também tinha morrido (Gênesis 9:29). Seus filhos, netos e bisnetos se multiplicaram e se dispersaram (Gênesis 10). Alguns habitavam em “uma planície na terra de Sinar” (Gênesis 11:2), a parte meridional da Mesopotâmia, que

hoje corresponde ao sul do Iraque. Foi lá que alguns disseram: “Venham, vamos construir uma cidade e uma torre cujo topo chegue até os céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a Terra” (v. 4). Dá para imaginar que, após ouvirem falar do dilúvio, aquelas pessoas estavam tentando se proteger de outra calamidade parecida, mesmo que cada arco-íris que pintava o céu fosse uma forma de Deus os fazer lembrar de que “nunca mais os seres vivos serão destruídos pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a Terra” (Gênesis 9:11). Por isso, a construção de uma torre elevada “cujo topo chegue até os céus” simbolizava rebelião contra Deus e Suas promessas.

“Tornemos célebre o nosso nome” retrata também a arrogância e a insolência humanas. A palavra “nome” usada aqui ocorre anteriormente no relato bíblico. Antes do dilúvio, no contexto da maldade crescente da humanidade, a Bíblia diz: “Estes foram valentes, homens de renome, na antiguidade” (Gênesis 6:4). “Renome” é uma tradução que significa literalmente “homens de nome”. O verso seguinte diz: “O SENHOR viu que a maldade das pessoas havia se multiplicado na Terra e que todo desígnio do coração delas era continuamente mau” (v. 5). Não muito tempo antes do dilúvio e não muito tempo depois, a ideia de ter um “nome” é apresentada pela Bíblia como sendo motivada por uma intenção negativa.

A narrativa da torre de Babel reforça essa verdade infeliz: “E o SENHOR disse: – Eis que o povo é um, e todos têm a mesma língua. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo o que planejam fazer. Venham, vamos descer e confundir a língua que eles falam, para que um não entenda o que o outro está dizendo. Assim o SENHOR os dispersou dali pela superfície da Terra; e pararam de edificar a cidade” (Gênesis 11:6-8).

Embora os detalhes continuem desconhecidos, eles estavam desafiando abertamente a Deus. Foi por isso que o Senhor desceu e confundiu a língua deles. Imagine o espanto, o caos, a confusão: centenas, talvez milhares de pessoas de repente falando umas com as outras em idiomas ininteligíveis! Eles devem ter se sentido atônitos, temerosos, irados e frustrados por algo que jamais haviam vivenciado. Mas o plano de Deus deu certo: eles cessaram; a cidade e a torre permaneceram inacabadas; e aquelas pessoas confusas se dispersaram pela Terra. Sem dúvida, aqueles que falavam o mesmo idioma se uniram uns aos outros enquanto se distanciavam de Babel. Aí encontramos as origens das diferentes línguas humanas.

O relato termina com o seguinte verso: “Por isso a cidade foi chamada de Babel, porque ali o SENHOR confundiu a língua de toda a terra e dali o SENHOR os dispersou por toda a superfície dela” (v. 9). Babel, símbolo de rebelião aberta e insolência contra Deus, é a mesma palavra usada em toda a Bíblia para se referir a “Babilônia”. O substantivo “Babilônia” ocorre centenas de vezes nas Escrituras, desde os dias da monarquia judaica, mais de meio milênio antes de Cristo, até Apocalipse, no qual a primeira ocorrência é esta: “Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez com que todas as nações bebessem o vinho do furor da sua prostituição” (Apocalipse 14:8). Esta é a segunda mensagem angélica, que vamos entender melhor a seguir.

A última Babel

A primeira mensagem angélica consiste em uma proclamação acerca de Deus, sobre Seu “evangelho eterno”, Seu juízo e Sua atuação como Criador, “Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7). Também diz respeito a qual deve ser nossa reação a essas grandes verdades: temê-Lo, dar-Lhe glória e adorá-Lo.

Em contrapartida, a segunda mensagem angélica não fala sobre Deus, pelo menos não de maneira direta. Em vez disso, aborda uma inimiga de Deus (lembre-se do conflito cósmico). A mensagem diz: “Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez com que todas as nações bebessem o vinho do furor da sua prostituição” (v. 14:8). E, como entramos nesse assunto, o Apocalipse fala mais sobre Babilônia:

“Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela se tornou morada de demônios, refúgio de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo tipo de ave imunda e detestável, pois todas as nações beberam do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria. Ouvi outra voz do céu, dizendo: ‘Saíam dela, povo Meu, para que vocês não sejam cúmplices em seus pecados e para que os seus flagelos não caiam sobre vocês. Porque os pecados dela se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das injustiças que ela praticou’” (Apocalipse 18:2-5).

Antes mesmo de voltar ao Antigo Testamento para entender o que significam algumas dessas imagens, as próprias imagens em si – isto é, “morada de demônios”, “vinho do furor da sua prostituição”, “esconderijo

de todo tipo de ave imunda e detestável” – retratam um lugar que, com certeza, é espiritualmente desagradável. Todavia, há também estas outras palavras cruciais, que vêm do Céu: “Saíam dela, povo Meu.” Deus ainda tem pessoas ali a quem Ele chama de “Meu povo” e lhes dá ordem para sair antes que seja tarde demais.

Babilônia ou Babel simboliza a oposição a Deus. Em uma das descrições bíblicas de Satanás – em que ele diz: “serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14:14) – o inimigo é chamado primeiro de “rei da Babilônia” (v. 4), representando Babel.

No Antigo Testamento, Babilônia havia sido um império gigantesco. Inimiga de Israel, o povo de Deus, Babilônia invadiu e destruiu a nação. Muitas das imagens da Babilônia do tempo do fim, descrita no Apocalipse, foram extraídas diretamente da mesma Babilônia do Antigo Testamento.

Muito depois da destruição do antigo império babilônico, o apóstolo Pedro escreveu: “Aquela que se encontra na Babilônia, também eleita, manda saudações” (1 Pedro 5:13). Como alguém poderia estar em Babilônia, sendo que o reino não existia havia séculos? Os estudiosos têm certeza de que ele usou esse nome como símbolo do império que tinha, na ocasião, substituído a antiga Babilônia como adversário de Deus, que era Roma. Foi esse poder que crucificou Cristo (Marcos 10:33; Mateus 20:19), perseguiu a igreja apostólica (veja o livro de Atos) e, infelizmente, continuou essa perseguição na fase papal até o início da era moderna (ver Daniel 7:19-21, 24, 25; 8:10-12, 23-25).

O livro de Daniel, em três capítulos proféticos (2, 7 e 8), retratou uma série de impérios mundiais. Dois desses capítulos, Daniel 2 e 7, começam com Babilônia (Daniel 2:36-38; 7:4), mas todos os três predisseram os impérios que vieram em seguida: Média-Pérsia (Daniel 2:39; 7:5; 8:20), Grécia (Daniel 2:32; 7:6; 8:21) e, finalmente, Roma, que permanece até o fim do mundo (confira Daniel 2:33, 40-43; 7:7, 8, 19-27; 8:10-12, 23-25) e tem um papel a desempenhar nos eventos dos últimos dias.

Assim como a antiga Babilônia, que foi um vasto poder religioso e político e se opôs a Deus e perseguiu Seu povo, a Babilônia moderna faz o mesmo, só para piorar à medida que nos aproximamos do fim.

Uma das imagens na mensagem do segundo anjo diz respeito à “fornicação” da Babilônia, uma imagem do Antigo Testamento relativa à infidelidade a Deus e à Sua verdade. Os profetas usaram a ideia de uma mulher

	BABILÔNIA ANTIGA	BABILÔNIA DO TEMPO DO FIM
1	Esta grande Babilônia (Daniel 4:30)	Mistério: Babilônia, a Grande (Apocalipse 17:5)
2	Prostituições de Babilônia (Ezequiel 23:17, 18)	A grande prostituta (Apocalipse 17:1)
3	Animais selvagens em Babilônia (Isaías 13:21)	Morada de demônios (Apocalipse 18:2)
4	Cidade luxuosa (Isaías 13:19; Jeremias 51:13)	“Luxo” (Apocalipse 18:7, NVI)
5	Governava sobre as nações (Isaías 14:6)	Governará sobre a Terra (Apocalipse 17:18)
6	Atacou Israel (Jeremias 51:49)	Atacou o povo de Deus (Apocalipse 17:6; 18:24)
7	Nações beberam do seu vinho (Jeremias 51:7)	Nações bebem do seu vinho (Apocalipse 14:8)
8	Uso de encantamentos e feitiçaria (Isaías 47:9, 12)	Opera milagres (Apocalipse 16:14; 13:13, 14)
9	Juízo de Deus contra ela (Jeremias 25:28-30)	Juízo de Deus contra ela (Apocalipse 18:8)
10	Nações contra ela (Jeremias 51:27, 29)	Nações contra ela (Apocalipse 17:16)
11	Queda de Babilônia (Isaías 21:9)	Queda de Babilônia (Apocalipse 14:8)
12	Sai dela (Jeremias 51:6, 45)	Sai dela (Apocalipse 18:4)

pura, às vezes uma noiva, como símbolo do antigo Israel quando era fiel a Deus (Jeremias 6:2). No entanto, quando era infiel, quando caía em apostasia, outra imagem era utilizada: a da prostituição. Ezequiel acusou Jerusalém de se prostituir “com os filhos do Egito”, “com os filhos da Assíria”, “até a Caldeia” (confira Ezequiel 16:26-29). “Você viu o que fez a rebelde Israel? Foi a todos os montes altos e ficou debaixo de todas as árvores frondosas para entregar-se à prostituição” (Jeremias 3:6). Logo, a imagem de fornicção expressa a mesma ideia: falsas doutrinas, assim como a infidelidade a Deus e à Sua verdade.

O brado de que Babilônia caiu é outra forma de anunciar às pessoas que os sistemas corruptos deste mundo não vencerão, a despeito de como as coisas parecerem agora. No passado, a antiga Babilônia, com seus falsos ensinamentos, erros e perseguições, parecia invencível. É possível que a Babilônia moderna também pareça assim. Entretanto, graças a Jesus e à Sua vitória na cruz, o pecado, o mal, Satanás, o conflito cósmico, Babilônia do tempo do fim, bem como suas falsas doutrinas e seus falsos ensinamentos, serão erradicados para sempre, e o seguinte brado se ouvirá através do Universo: “Então ouvi o que parecia ser a voz de uma grande multidão, uma voz como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: ‘Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-Lhe a glória, porque chegou a hora das bodas do Cordeiro, e a noiva Dele já se preparou’” (Apocalipse 19:6, 7).

O brado de que Babilônia caiu é outra forma de anunciar às pessoas que os sistemas corruptos deste mundo não vencerão.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/conviteII>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

12

O Último Convite

A mensagem do terceiro anjo é uma advertência: “Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na testa ou na mão, também esse beberá do vinho do furor de Deus, preparado, sem mistura, no cálice da Sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre. E os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do nome da besta não têm descanso algum, nem de dia nem de noite. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:9-12).

Observe as imagens usadas no texto, extraídas diretamente do livro de Daniel, no qual as pessoas foram forçadas a adorar “a imagem” (Daniel 3:5, 7, 10, 14, 15, 18) sob ameaça de morte. A advertência na mensagem do terceiro anjo em Apocalipse 14 ecoa Apocalipse 13 também, no qual as pessoas devem, assim como em Daniel 3, adorar uma imagem ou enfrentar a morte: “e fizesse morrer todos os que não adorassem a imagem da besta” (Apocalipse 13:15).

Além disso, não se esqueça: a mensagem do terceiro anjo é anunciada logo depois da proclamação da segunda mensagem angélica acerca da queda de *Babilônia* (Apocalipse 14:8). Que império no Antigo Testamento forçou a adoração de uma imagem? Babilônia (Daniel 3:1).

Um dia em questão

Tanto na Babilônia antiga como na moderna, a grande questão é a adoração. A mensagem do primeiro anjo conclama o mundo a adorar o Criador, “que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7).

Essa linguagem é extraída diretamente dos Dez Mandamentos, especificamente do quarto: “Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso o SENHOR *abençoou o dia de sábado e o santificou*” (Êxodo 20:11), o qual, por sua vez, provém diretamente do relato da criação em Gênesis 2:3, como já vimos.

Logo, as três mensagens angélicas apresentam a grande questão que o mundo enfrentará nos últimos dias: adoraremos o Criador ou “a besta e a sua imagem” (Apocalipse 14:9)? A resposta deveria ser óbvia: devemos adorar a Deus porque Ele é o Criador. Não há nada mais elementar, e símbolo mais básico de quem Ele é como Criador, do que o sétimo dia, o sábado. Esse dia foi abençoado e santificado na primeira semana da criação; foi considerado por Deus como sendo tão importante que Ele o menciona claramente nos Dez Mandamentos!

Contudo, essa verdade bíblica profunda conduz a uma pergunta importante: Por que, na maior parte do mundo cristão, guarda-se o domingo, o primeiro dia da semana, em lugar do sétimo dia, o sábado, o sinal bíblico do Deus Criador?

As citações a seguir explicam o motivo.

A edição de 1977 do catecismo da doutrina romana diz o seguinte:

Pergunta: Que dia é o sábado?

Resposta: O sétimo dia é o sábado.

Pergunta: Por que guardamos o domingo em lugar do sábado?

Resposta: Guardamos o domingo em lugar do sábado porque a Igreja [...] transferiu a solenidade do sábado para o domingo.¹

Roma admite ter mudado o sinal fundamental de Deus como o nosso Criador para outro dia, o domingo? Leia mais um texto:

Pergunta: Que prova há de que a igreja tem poder para ordenar festas e dias santos?

As três mensagens angélicas apresentam a grande questão que o mundo enfrentará nos últimos dias.

Resposta: Pelo próprio ato da mudança do sábado para o domingo, que os protestantes compactuam. Assim, eles se contradizem, guardando o domingo de forma estrita e transgredindo a maioria das outras festas ordenadas pela mesma igreja.

Pergunta: Como é possível provar isso?

Resposta: Porque, ao guardar o domingo, reconhecem o poder da igreja para ordenar festas e instituí-las sob pena de pecado. E, ao não guardar o restante [das festas] por ela ordenadas, negam mais uma vez o mesmo poder.²

Uma instituição humana alega ter mudado a lei de Deus?

Pergunta: A igreja [de Roma] tem poder para fazer qualquer alteração nos mandamentos de Deus?

Resposta: Em lugar do sétimo dia e das outras festas designadas pela antiga lei, a igreja prescreveu que os domingos e dias santos sejam separados para a adoração a Deus. E agora somos obrigados a guardá-los em consequência do mandamento divino, em vez do antigo sábado.³

Veja esta explicação de um expoente da igreja romana sobre o fato de que a Bíblia jamais ensinou que o domingo é dia de descanso:

Não deve todo cristão santificar o domingo e se abster, nesse dia, de trabalho servil desnecessário? A observância dessa lei não está entre nossos deveres sagrados mais proeminentes? Mas você pode ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse que não encontrará um único verso autorizando a santificação do domingo. As Escrituras ordenam a observância religiosa do sábado, dia que jamais santificamos.⁴

Alguns protestantes admitem, com relutância, que não há evidência bíblica para a guarda do domingo ao invés do sábado. O líder de um grupo cristão dos Estados Unidos dedicado à observância do domingo admitiu exatamente isso. James Westberry escreveu: “Não há registro de qualquer declaração por parte de Jesus autorizando essa mudança, tampouco

por parte dos apóstolos.”⁵ Lembre-se: estas palavras foram ditas por um homem dedicado à guarda do domingo!

No livro *The Lord's Day* [O Dia do Senhor], dedicado à observância do domingo, Samuel Cartledge escreveu: “Precisamos admitir que não podemos apontar para nenhuma ordem direta que nos instrua a deixar de guardar o sétimo dia e começar a adorar no primeiro dia”⁶ Eles não conseguem encontrar uma ordem sequer, pois não existe na Bíblia tal ordem, direta ou indireta, que altere o sábado instituído no sétimo dia da criação para o domingo – dia esse que a Bíblia jamais tratou como santo.

Estariam os evangélicos dizendo, sem ir direto ao ponto, que aceitaram a mudança do sábado efetuada por Roma? Reconhecem a alteração desse símbolo fundamental que remonta ao próprio Éden e a Deus, o nosso Criador?

Parece que sim.

Alterações ilegais

Cerca de 600 anos antes de Cristo, no contexto da Babilônia antiga, Daniel 2 (profecia paralela a Daniel 7) apresentou uma predição extraordinária que abrange a história do mundo desde a Babilônia antiga, passando por nossos dias, até Deus fundar o Seu reino eterno. Na profecia em si, após a divisão de Roma pagã nas nações que conhecemos atualmente como a Europa moderna, o texto diz: “Mas, nos dias desses reis [ou governantes], o Deus do Céu levantará um reino que jamais será destruído e que não passará a outro povo. Esse reino despedaçará e consumirá todos esses outros reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre” (Daniel 2:44).

Em algum momento, nos dias da Europa moderna, Deus estabelecerá Seu reino. Esse reino, que dará fim a todos os outros, existirá para sempre. A grande promessa do “evangelho eterno” é que, pela fé em Jesus, todos temos um lugar nele. “Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, Eu já lhes teria dito. Pois vou preparar um lugar para vocês. E, quando Eu for e preparar um lugar, voltarei e os receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, vocês estejam também” (João 14:2, 3). Apenas o que pode nos deixar de fora dessa promessa são nossas más escolhas.

A profecia de Daniel 2, em suma, apresenta a seguinte sequência: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia, Roma e reino eterno de Deus (onde Jesus preparou um “lugar” para nós). Conforme demonstramos, em Daniel 7 a

mesma sequência de impérios é profetizada: Babilônia, Media-Pérsia, Grécia, Roma e Reino eterno de Deus (onde Jesus preparou um “lugar” para nós).

Nas duas profecias, o reino humano final, aquele que surge após a Grécia antiga e permanece até Deus fundar Seu “reino que jamais será destruído” (Daniel 2:44) é Roma. Embora Roma pagã tenha desaparecido há 1.500 anos, Roma papal permanece e continuará até o triunfo completo do reino de Deus ao fim deste mundo.

Daniel 7, usando diferentes imagens, nos deu mais detalhes acerca desses reinos do que Daniel 2, sobretudo em relação ao último, Roma, e,

**Tentar mudar os
Dez Mandamentos é
o mesmo que tentar
“derrubar” a lei
da gravidade.**

em especial, acerca da sua fase papal, que incluiu uma parte infeliz da história – “destruirá os santos do Altíssimo” (Daniel 7:25, ARC). Levando em conta que Roma afirma ter instituído a guarda do domingo, um dia que tanto evangélicos como católicos admitem não ter apoio bíblico, esse verso é significativo.

Note: o texto diz que ele “*cuidará* em mudar os tempos e a lei”. A lei de Deus, inclusive o quarto mandamento, foi escrita em pedra pelo dedo do próprio Deus: “O SENHOR me deu as duas tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus. Nelas estavam todas as palavras que o SENHOR havia falado com vocês no monte, do meio do fogo, quando todo o povo estava reunido” (Deuteronômio 9:10; confira Êxodo 31:18). Nenhum poder humano é capaz de mudar isso! A Nova Versão Internacional diz que Roma “tentará mudar os tempos e as leis”. *Tentar* não é o mesmo que *conseguir*!

A morte de Jesus na cruz, por causa do pecado, que é definido como “a transgressão da lei” (1 João 3:4), prova a imutabilidade da lei de Deus. Não teria sido mais fácil mudar a lei, alterando as regras no meio do jogo, a fim de resolver o problema do pecado sem que Jesus precisasse morrer por eles (confira 1 Coríntios 15:3)? Claro que sim! Afirmar que a guarda do sábado não é mais necessária seria o mesmo que tentar “derrubar” lei da gravidade. As coisas cairiam na mesma aceleração, a despeito de qualquer tentativa de mudança.

Contudo, essa tentativa de mudar a lei de Deus assumirá importância tremenda quando o mundo inteiro se envolver e fizer “morrer todos os

que não” adorassem “a imagem da besta” (Apocalipse 13:15). É justamente contra essa adoração forçada que a mensagem do terceiro anjo adverte de maneira contundente (Apocalipse 14:9-11). Enquanto muitos adorarão a besta e sua imagem, outros adorarão “Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (v. 7). No Éden, a adoração ao Criador tem como marca o sábado do sétimo dia – “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis 2:3). Essa verdade também foi immortalizada no quarto mandamento: “Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:11).

Adorar a imagem? Adorar o Criador? É um ou outro. Essa será a escolha colocada diante do mundo inteiro.

Referências

- ¹ Peter Geiermann, *The Convert's Catechism of the Catholic Doctrine* (Rockford, IL: Tan Books and Publishers, 1977), p. 50.
- ² Rev. Henry Tuberville, *An Abridgment of the Christian Doctrine* (Nova York: Edward Dunigan and Brothers, 1833), p. 58.
- ³ Richard Challoner, *The Catholic Christian Instructed in the Sacraments, Sacrifices, Ceremonies, and Observances of the Church by Way of Question and Answer* (Baltimore, MD: G. Dobbin & Murphy, 1809), p. 204.
- ⁴ James Cardinal Gibbons, *The Faith of Our Fathers* (Baltimore, MD: Aeterna Press, 2015), p. 58.
- ⁵ “Are We Compromising Ourselves?”, *Sunday*, abril-junho de 1976, p. 5.
- ⁶ James P. Westberry, ed., *The Lord's Day* (Nashville, TN: Broadman, 1986), p. 100.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite12>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

13

Mudanças Repentinas

Apocalipse 13 resgata várias imagens extraídas diretamente de Daniel 7, inclusive a perseguição de Roma ao povo de Deus no passado, como vimos nos capítulos anteriores. Assim como destruiu os santos no passado (Daniel 7:25, ARC), Roma irá “guerrear contra os santos” (Apocalipse 13:7, NVI). O mesmo verso que retrata essa perseguição (Daniel 7:25) também fala sobre a tentativa de Roma de mudar a lei. E o ponto de controvérsia final sobre a lei está justamente na mensagem enfatizada na proclamação dos três anjos: a adoração Àquele “que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7), ou seja, o quarto mandamento.

A questão se torna mais clara porque, logo após advertir contra a falsa adoração, a mensagem do terceiro anjo retrata o povo de Deus da seguinte forma: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:12). Em contraste direto com aqueles que adoram a besta e sua imagem, o povo de Deus é caracterizado como aqueles que, além de ter “a fé em Jesus”, guardam os mandamentos de Deus, os quais incluem o mandamento que aponta para Ele como o Criador!

Adorar o Criador? Ou adorar a besta e a sua imagem? A questão de adorar a besta e a sua imagem ou adorar o Criador Jesus (confira João 1:1-3; Hebreus 1:1, 2; 1 Coríntios 8:6; Colossenses 1:15-17) de fato pode ser manifestada abertamente na questão do sábado *versus* domingo?

De que outra forma? Adoramos a Deus porque, sendo o Criador, só Ele é digno de adoração (Apocalipse 5:9). Não há um símbolo mais elementar de Deus como Criador do que o sábado, o sétimo dia – abençoado e

santificado na própria criação. Logo, um poder humano tentar mudar e usurpar o sinal mais básico (o sétimo dia, o sábado) da doutrina mais básica (a criação) é o mesmo que tentar usurpar a autoridade do Senhor como Criador. É uma clara tentativa do ser humano de se colocar no lugar que pertence unicamente a Deus.

Qual é a importância de adorar o Criador no cristianismo? É de importância tão fundamental que Deus ordena que um sétimo de nossa vida, semanalmente, seja dedicado para nos lembrar desse fato, como já vimos. É por isso que a controvérsia acerca da adoração – adorar a besta e a sua imagem (o poder que tentou mudar o sábado) ou adorar o Criador – não poderia girar em torno de outra coisa além do dia que Deus estabeleceu como memorial a Ele como Criador. Tudo isso contrasta com o dia que o poder humano instituiu em seu lugar.

Perseguir e matar pessoas por causa do sétimo dia? Isso poderá mesmo acontecer? Bem, já aconteceu! Os próprios evangelhos nos apresentam essa realidade: aqueles que promoviam a tradição humana queriam matar por causa do sétimo dia.

A lei e a tradição

Em João 9, Jesus curou um cego de nascença no sábado, talvez seu maior milagre até então. “Desde que o mundo existe, jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença” (João 9:32). Como as autoridades religiosas reagiram? Acusaram Jesus de transgredir o sábado, dizendo: “Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado” (v. 16). Estava começando um conflito entre a tradição humana (nada na Bíblia proíbe de curar no sábado, assim como nada na Bíblia institui o domingo como dia santo) e a lei de Deus. “Tendo Jesus saído dali, entrou na sinagoga deles. Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida. Então, a fim de o acusar, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado? Ao que lhes respondeu: Quem de vocês será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço para tirá-la dali? Ora, quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Logo, é lícito nos sábados fazer o bem. Então Jesus disse ao homem: – Estenda a mão. O homem estendeu a mão, e ela foi restaurada e ficou sã como a outra” (Mateus 12:9-13).

Como os líderes religiosos reagiram a essa expressão extraordinária de poder divino? “Mas os fariseus, saindo dali, conspiravam contra Ele,

procurando ver como O matariam” (v. 14). Matar Jesus? Morte por causa do sétimo dia? Em João 5:1 a 16, após outra cura milagrosa no sábado, os líderes religiosos “perseguraram Jesus e procuravam matá-Lo, porque fazia essas coisas no sábado” (v. 16, ARC).

Procurar matar por causa do sábado? Morte por causa de uma tradição humana *versus* o sétimo dia? Exatamente! Embora a questão específica não seja a mesma que o mundo enfrentará nos dias finais, é uma situação

**Após a covid-19,
precisamos estar
cientes de que
qualquer coisa,
até mesmo as
mais inesperadas,
pode acontecer.**

próxima o suficiente: a lei humana *versus* a lei de Deus e, nos dois casos, a parte da lei divina em questão é o mandamento do sábado, o único que mostra a base da razão para adorar somente ao Deus Criador – e nada nem ninguém mais.

Logo, na vida de Jesus, podemos encontrar pistas do que enfrentarão aqueles “que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:12): a tradição humana em conflito com a lei de Deus.

De que modo essa ideia – da marca da besta centrada na contrafação do sábado bíblico, o sétimo dia da semana, pelo estabelecimento da tradição humana, o primeiro dia – se harmoniza com a advertência acerca do poder no tempo do fim que “a todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz com que lhes seja dada certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome” (Apocalipse 13:16, 17)?

Ao longo dos séculos, muita especulação surgiu acerca do que significa a “marca na mão direita ou na testa”. Seguindo, porém, o princípio de que o Antigo Testamento detém a chave para a interpretação de Apocalipse, podemos encontrar alguns indícios do que o Apocalipse quer dizer aqui.

Antes de os filhos de Israel entrarem na terra prometida, Moisés os advertiu diversas vezes contra a falsa adoração e os lembrou dos mandamentos de Deus, ou seja, da Sua lei. Então declarou: “Ponham estas Minhas palavras no seu coração e na sua alma. Amarrem-nas como sinal na mão, para que sejam por frontal entre os olhos” (Deuteronômio 11:18).

Não sabemos de que forma exata eles deveriam amarrar as palavras de Deus na mão e entre os olhos (a prática moderna de usar *tefilins* enrolados, comum entre os judeus religiosos, é uma interpretação). Mas eles deveriam guardar essas palavras, a lei de Deus, “no seu coração e na sua alma”. Essa adesão fiel à lei de Deus deveria se manifestar pelas palavras colocadas na mão, que simbolizavam os feitos e as ações; e na cabeça, que representavam o conhecimento da lei de Deus. Desse modo, a “marca na mão direita ou na testa”, recebida pelos seguidores da besta, representa a fidelidade de seus seguidores à contrafação dos mandamentos divinos, especialmente à mudança naquele que identifica o Deus Criador. Esse fato distingue os que adoram a besta e a sua imagem daqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:12).

Precisa ficar claro, porém, que a marca entrará em vigor somente quando essas questões acontecerem nos últimos dias. Por isso, as pessoas que guardam o domingo hoje não estão com “a marca da besta”. Finalmente, uma pergunta: Como algo assim pode acontecer? A resposta é: nós não sabemos. Embora o Apocalipse nos diga *o que* vai ocorrer, não explica *como*. Se, porém, a pandemia da covid-19 nos ensinou alguma coisa, é que o nosso mundo – o planeta inteiro – pode mudar, de forma drástica, rápida e perigosa. Se, no início de 2019, as pessoas fossem informadas de tudo que passaríamos (isolamento social, restrições de locomoção, quarentena, uso de máscara), a maioria não acreditaria. Após a covid-19, precisamos estar cientes de que qualquer coisa, até mesmo as mais inesperadas, pode acontecer, inclusive, conforme adverte o terceiro anjo, “a marca da besta”.



Para saber mais sobre o assunto, acesse este QR Code ou o link: <http://adv.st/convite13>



Se você tiver alguma dúvida ou quiser conversar sobre esse tema, fale conosco pelo WhatsApp. Acesse agora: <http://adv.st/queroconversar>

Conclusão

A primeira mensagem angélica começa com o “evangelho eterno” (Apocalipse 14:6). A terceira termina com ele: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (v. 12). Fé (“a fé em Jesus”) e obediência (“guardam os mandamentos de Deus”) resumem a essência do “evangelho eterno”.

Há um debate sobre o significado preciso da expressão “fé em Jesus”. Seria a fé de Jesus, ou seja, uma fé que reflete a fé manifesta por Jesus quando viveu neste mundo? Ou a fé que os fiéis depositam em Jesus? De qualquer forma, a Bíblia diz: “E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque ‘o justo viverá pela fé’” (Gálatas 3:11). De que outro modo, senão pela fé?

Considerando que o poder que criou o espaço, o tempo, a matéria e a energia, ou seja, o Universo, se “diminuiu”, tornando-se um de nós e se oferecendo como sacrifício pelos nossos pecados, *queremos acrescentar algo mais a isso?* Como se, de algum modo, a morte do Criador não fosse suficiente para pagar nossos pecados? Não importa quão mau você tenha sido, o sacrifício Daquele que “é antes de todas as coisas” e “Nele tudo subsiste” (Colossenses 1:17), sem dúvida, foi mais do que o bastante para livrar você. E pela fé, “a fé em Jesus”, você pode reivindicar a morte de Cristo em seu favor agora mesmo e comparecer perfeito perante Seu Criador como se jamais tivesse pecado.

Imagine

E “os mandamentos de Deus”? Que mandamentos são esses? Segundo a última contagem, eram dez. O livro do Apocalipse faz outras referências

a eles, além da passagem em 14:12. Antes da visão que inclui as três mensagens angélicas, Apocalipse 11:19 diz: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Sua aliança no Seu santuário, e sobrevieram relâmpagos.” A “arca da aliança” é o lugar em que ficavam guardados os Dez Mandamentos no santuário terrestre.

Mandamentos específicos também aparecem no Apocalipse. A primeira mensagem angélica ordena a adoração a Deus (Apocalipse 14:7), uma referência direta ao primeiro mandamento (Êxodo 20:1, 2) e, conforme vimos, essa mesma mensagem usa uma linguagem extraída diretamente do quarto mandamento. O terceiro anjo adverte contra a adoração de uma imagem (a imagem da besta), apontando para o segundo mandamento, contrário à idolatria (Êxodo 20:4-6). Enquanto isso, homicídio, roubo e adultério são mencionados juntos em Apocalipse 9:20 e 21. Apocalipse 12:17, o penúltimo verso antes de Apocalipse 13, que introduz a marca da besta, descreve o povo de Deus: “O dragão ficou irado com a mulher e foi travar guerra com o restante da descendência dela, ou seja, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.” Assim, no contexto dos últimos dias, por duas vezes (Apocalipse 12:17; 14:12), o povo fiel a Deus é retratado guardando Seus mandamentos. E por que não?

Um homem compareceu ao encontro de 30 anos de formatura da sua turma do ensino médio. Ao ir embora, refletindo sobre quão problemática era a vida de tantos dos antigos colegas, um pensamento lhe veio à mente: “Ah, se as pessoas guardassem os Dez Mandamentos! Como a vida delas teria sido melhor!” Imagine se todas as pessoas guardassem pelo menos alguns! Se ninguém transgredisse o sexto mandamento (matar), o sétimo (adulterar), o oitavo (roubar) e o nono (mentir), a nossa existência seria um paraíso em comparação com o que vivenciamos agora.

Pense um pouco: Em qual país você preferiria viver e criar a sua família? Em um país onde todos obedecessem aos Dez Mandamentos ou em um no qual ninguém os obedece? A resposta a essa simples pergunta revela como os “mandamentos de Deus” são benéficos para nós.

E as boas-novas do “evangelho eterno” são que a fé em Jesus, que se apropria da justiça de Cristo, a que cobre os nossos pecados, é a mesma fé que toma posse da justiça de Cristo para limpar os nossos pecados e nos transformar. “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Coríntios 5:17).

Recebemos de Deus a promessa de poder para obedecer aos mandamentos e vencer as tentações. Veja alguns versos nesse sentido:

“Não sobreveio a vocês nenhuma tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar; pelo contrário, juntamente com a tentação proverá livramento, para que vocês a possam suportar” (1 Coríntios 10:13).

“Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 João 5:4).

“Tudo posso Naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13).

“Sabendo isto: que a nossa velha natureza foi crucificada com Ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sejamos mais escravos do pecado” (Romanos 6:6).

“E ao Deus que é poderoso para evitar que vocês tropecem e que pode apresentá-los irrepreensíveis diante da Sua glória, com grande alegria” (Judas 24).

Não mais dor

Sim, pela graça de Deus, podemos guardar Seus mandamentos. Só não podemos guardá-los o suficiente para ser salvos por eles. É por isso que a salvação acontece pela fé, não pela lei. “O ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Romanos 3:28) porque os atos da lei não podem nos justificar. Se pudessem, por que então Jesus não evitou a cruz? Por que Ele não veio simplesmente à Terra, nos mostrou como obedecer e então voltou para o Céu? Porque, por mais que necessitássemos de um Exemplo, precisávamos também de um Substituto. É por isso que Ele morreu na cruz e sofreu em Si a pena da nossa transgressão da lei divina. “Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Romanos 5:8). A cruz revela a inutilidade das obras humanas para a salvação.

Nós precisamos ser salvos, não é mesmo? Sem dúvida! Por pior que este mundo seja, vai piorar ainda mais. Daniel adverte quanto a um “tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações” (Daniel 12:1). No entanto, mesmo que, a princípio, as coisas piorem, elas vão melhorar. Ficarão melhores do que qualquer cenário imaginável. “Pois eis que Eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas” (Isaías 65:17).

“Nós, porém, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2 Pedro 3:13). “E vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (Apocalipse 21:1). “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (v. 4).

Não mais morte? Não mais tristeza? Não mais dor? É uma existência que nós, que só conhecemos morte, tristeza e dor, nem conseguimos vislumbrar. Essas “primeiras coisas”, que jamais deveriam ter acontecido, passarão, e uma nova existência será nossa para sempre. É isso que promete o “evangelho eterno”, formulado “antes dos tempos eternos” (2 Timóteo 1:9). É para essa nova existência que apontam, em última instância, as três mensagens angélicas. É sobre isso que os profetas sonharam, tiveram visões, pregaram e escreveram. E foi por isso, em sentido supremo, que Jesus morreu. “Ele verá o fruto do trabalho de Sua alma e ficará satisfeito” (Isaías 53:11). Ao viver neste nosso tempo, podemos ser as pessoas com as quais o profeta sonhou, aquelas que, pela fé, a “fé em Jesus”, um dia proclamaram: “Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará; este é o SENHOR, a quem aguardávamos; na Sua salvação exultaremos e nos alegraremos” (Isaías 25:9).

ACESSE

www.esperanca.com.br

